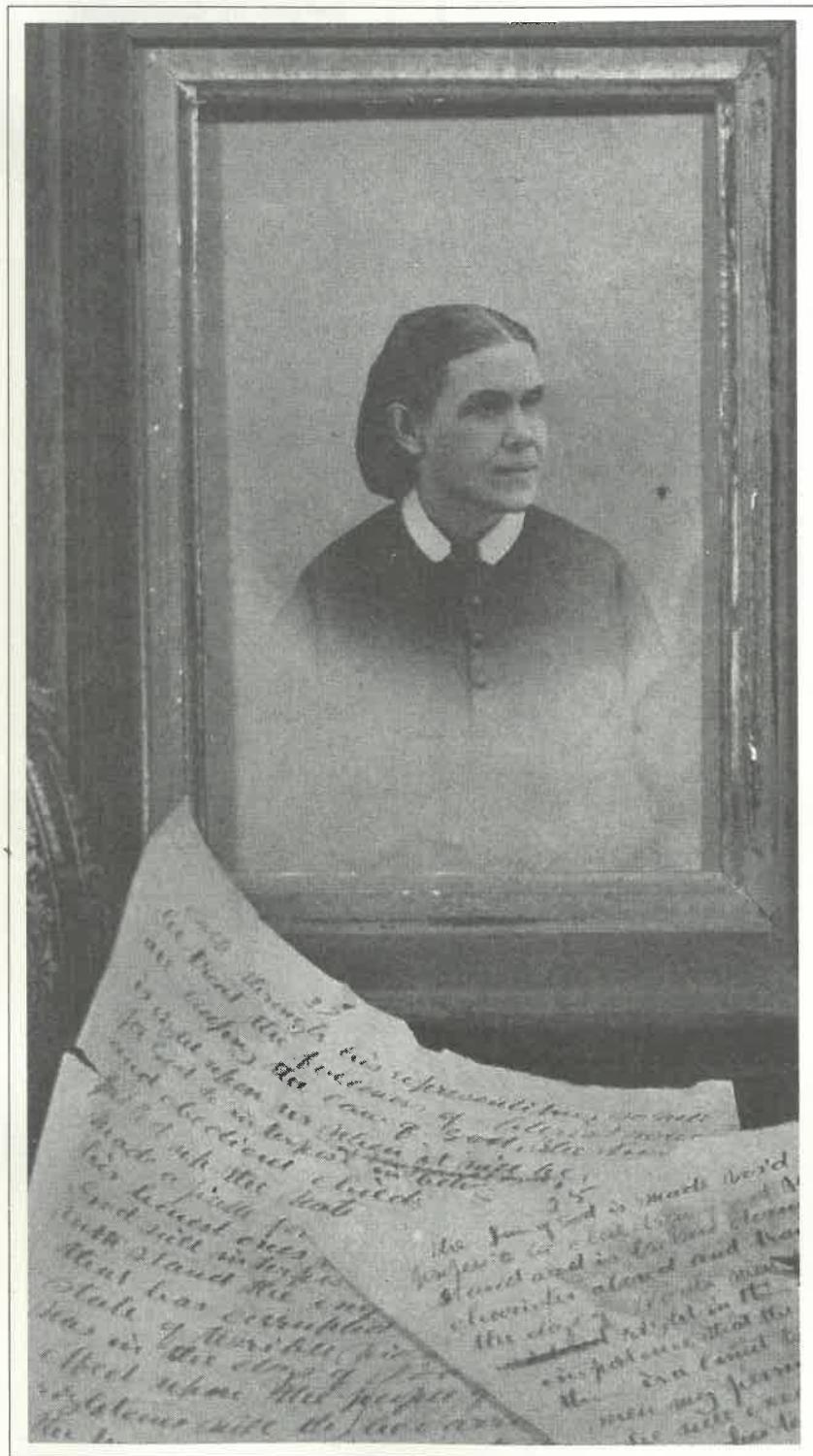


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

MAIO/1981



A Profetisa de Deus para os Dias de Hoje

Pág. 4

Olhando Para Jesus

Pág. 6

As Bodas de Caná

Pág. 8

A Cura da Ferida Mortal

Pág. 12

Escola Adventista — Porquê?

Pág. 14

Carta Aberta Sobre os Acampamentos

Pág. 16

Fingimento

por Doris Burdick

Deliberadamente,
Ela afasta-se
Da igreja.
«Tenho outros amores.»
Diz ela. «E
Hipocrisia não é para mim.»
Assim,
Ela finge
Não crer.
Não crer na verdade.
Ela,
A filha, do Rei,
Desdenha o diadema
Para si desenhado.
Mascando seus sonhos
De destino, ela escolhe
A parte de um ateu
Na peça. De algum modo
Ela não vê
Isto
como uma actuação
Que entretem
O demónio.

*Pai, melhora a sua visão
De si própria.
Ah! Outra coisa.
Por que é tão difícil
Chegar até ela?
... Como? ... A minha mão?
Ah! Compreendo!*

Por favor, Senhor,
Remove de minha mão
A pedra acusadora.

SUMÁRIO

- Fingimento
- Editorial
- A Profetisa de Deus para os Dias de Hoje
- Olhando para Jesus
- As Bodas de Caná
- Curiosidade — Defeito ou Qualidade?
- A Cura da Ferida Mortal
- Escola Adventista — Porquê?
- História de Peixes e Pescadores
- Carta Aberta Sobre os Acampamentos
- Notícias do Campo

Revista Adventista

Publicação mensal

MAIO DE 1981
ANO XLII N.º 416

Diretor: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º
Telefone 251 0844
2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:
SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual . . . 200\$00
Número Avulso . . . 20\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos

As actividades do mês de Maio começarão com um grande encontro da juventude em Figueiró dos Vinhos. Cremos que isso animará o pequeno núcleo adventista daquele lugar.

Como seria bom se conseguíssemos realizar trabalho semelhante em muitos outros lugares!

Durante o mês de Abril realizaram-se campanhas de evangelização em quase todas as igrejas da nossa Associação, mas continuamos a pensar nas campanhas programadas para Viana do Castelo, Vila Real de Trás-os-Montes, Pombal, Elvas, Évora, e que estão em perigo por não encontrarmos as salas necessárias para as futuras igrejas.

Um grande movimento de Intercessão foi iniciado no passado dia 4 de Abril. Eu creio que um dos assuntos de oração constante deve ser este plano missionário da nossa Associação. Devemos insistentemente pedir ao Senhor que abra o caminho para que sejam estabelecidas igrejas naqueles lugares.

«Deponde todo o cuidado aos pés do Redentor. 'Pedi, e receberéis.' (João 16:24). Trabalhai e orai, e crede de todo o coração... Avançai pela fé. Deus declarou que a bandeira da verdade deve ser firmada em muitos lugares. Aprendei a crer, enquanto pedis auxílio a Deus. Exercei abnegação; pois toda a vida de Cristo aqui na Terra foi uma vida de abnegação. Ele veio para mostrar-nos o que nos cumpre ser e fazer a fim de obter a vida eterna.

Fazei o máximo ao vosso alcance, e então esperai, paciente, esperançosa, alegremente, porque a promessa de Deus não pode falhar.» *Mensagens Escolhidas, Livro 1, pág. 88.*

Em todos estes lugares foram realizadas já duas visitas para inscrições no Curso Bíblico por Correspondência. Há em todas elas crentes adventistas. Esperamos, pois, que o Senhor nos dará o poder necessário para obter esta vitória.

Às vezes chega ao nosso conhecimento que existem nesses lugares casas em construção ou outras que estão fechadas ano após ano. Precisamos de interceder junto do Senhor a fim de que toque o coração dos seus proprietários para que nos possam proporcionar, em termos viáveis, a compra ou aluguer dessas salas.

Não deveríamos descansar enquanto não realizássemos os planos que estão programados, pois eles estão de acordo com a vontade de Deus.

Pensamos também, por vezes, nos irmãos que ao chegar o momento da reforma ou de mudar de residência se concentram em lugares onde já vivem outros crentes, os quais podem transmitir a mensagem do Segundo Advento nesse lugar. O Senhor convida os Seus filhos a espalharem-se pelos lugares onde a mensagem ainda não foi pregada. Só assim será possível terminar a obra e apressar a vinda de Jesus.

Apelo aos colportores para que possam transpor novas fronteiras e, através da nossa literatura, possam levar a mensagem da salvação às pessoas que nunca a ouviram.

O Senhor espera por nós agora. Qual vai ser a nossa resposta?

J. Morgado

A Profetisa de Deus para os Dias de Hoje

Ernest Lloyd,
que completou
cem anos a 22 de
Fevereiro deste ano,
lembra-se perfeitamente de,
na sua juventude,
ter contactado com
Ellen White. Ele ficou
impressionado com a sua
firmeza quando sob pressão,
pelos seus profundos
conhecimentos das Escrituras,
mas sobretudo pela sua
íntima relação com
Jesus.

Vi Ellen White pela primeira vez em Abril de 1901. Estavam em curso, na altura, as reuniões da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, levadas a efeito no antigo Battle Creek (Michigan) Tabernacle. Antes do término destas reuniões teriam sido tomadas decisões que modificariam a organização mundial da denominação, e Ellen White teria muito que ver com a liderança dada a essas decisões. Mas eu não estava muito preocupado com esses assuntos nessa ocasião. Estava fascinado pela senhora, de pequena estatura, de cabelos brancos e de agradável fisionomia que, aos 73 anos, falava com tanta segurança e autoridade sobre os assuntos de Deus.

Estava completando o meu trabalho escolar no antigo Battle Creek College naquela Primavera e considerava um privilégio atender estas conferências durante um certo período, cada manhã, com os meus colegas. Sentávamo-nos numa determinada secção do balcão donde poderíamos ter um bom ângulo de visão do conferencista e do púlpito.

G. A. Irwin era o presidente da Conferência Geral nessa altura. Apesar de ter feito algumas observações necessárias na reunião de abertura, ele dirigiu-se a Ellen White, sentada na plataforma com o seu filho W. C. White, e deu-lhes calorosas boas vindas

de regresso da Austrália, onde ela tinha passado nove anos — de 1891 a 1900 — em serviço pionero.

Como atrás disse, ela teria então 73 anos, e para nós jovens estudantes, era um acontecimento extraordinário ver uma senhora de idade tão avançada aparecer numa plataforma para falar a uma audiência tão vasta. O Pastor Irwin convidou Ellen White a apresentar a primeira mensagem da conferência, e o seu filho auxiliou-a até ao púlpito.

Dúvidas Desfeitas

E ali estava ela — a personificação da simplicidade e da humildade. Nunca esqueci a imagem daquela mulher ali de pé, o tabernáculo lotado num silêncio absoluto. Abrindo a sua Bíblia, ela leu uma mensagem de Deus antes de pronunciar as suas próprias palavras. Isto, conforme me foi dado observar nos anos seguintes na Califórnia, era o seu procedimento habitual. A mensagem sincera e convincente que ela apresentou naquela primeira manhã no tabernáculo pode ser encontrada no «Boletim da Conferência Geral» desse ano — 1901. Tal como a profetisa Débora, ela falava com segurança e autoridade (ver Juízes 4) e com amor por todos no seu coração.

Se fiquei impressionado? Sim, *por toda a vida*. Eu soube, então, que ela era uma verdadeira profetisa, uma voz falando por Deus ao Seu povo nos últimos dias da história deste mundo. Algumas pequenas dúvidas tinham-me perturbado, mas nesta reunião foram desfeitas. Eu tenho ouvido algumas das grandes oradoras americanas através dos anos, mas nenhuma delas se compara a Ellen G. White. Estou convicto de que ela falava movida pelo Espírito Santo. O velho tabernáculo tinha mais de 3200 lugares, e todos podiam ouvir a sua notável voz, clara e distinta. O poder de Deus ampliava a sua voz enquanto o Seu Espírito impressionava as mentes e corações dos ouvintes.

Interrupção Inoportuna

Antes do término da Conferência Geral foram-nos dados dois ou três exemplos do domínio próprio, aprumo e calma de Ellen White. Um será suficiente.

Um residente de Battle Creek tinha, por vezes, o impulso de interromper o orador. Nessa ocasião ele estava perto dos degraus que conduziam à plataforma. Mas havia quatro recepcionistas ali perto. Logo que ele se levantou e começou a subir os degraus, cada um dos recepcionistas rapidamente o agarraram por um dos membros. (Um pouco de «divertimento» para nós, estudantes.) Ellen White estava a falar, na altura. Olhou para a confusão e disse calmamente aos recepcionistas: «Cuidado, irmãos; não o magoem», e continuou o seu sermão impermeável. Eu nunca ouvi dizer que esta mulher tenha ficado indisposta, perturbada ou frustrada sob quaisquer circunstâncias.

Uma Carta Notável

De tempos a tempos Deus revelava assuntos secretos a Ellen White, como o fez aos profetas Bíblicos, para proteger e guiar o Seu povo e salvaguardar o seu trabalho em tempos de crise.

W. W. Prescott, presidente do Colégio de Battle Creek no princípio da década de 1890, contou uma vez aos alunos sobre uma professora da vizinha Kalamazoo que se havia inscrito para fazer parte do corpo docente do Colégio. Ela pedira uma entrevista a Prescott para falar com ele. Ele concedeu-lha para daí a uma semana.

Um dia ou dois antes da data marcada para a entrevista ele recebeu uma carta de Ellen White, que se encontrava na altura na distante Austrália auxiliando na formação de um colégio e instituição médica. Naquele tempo uma carta levava cerca de seis semanas da Austrália a Battle Creek. A carta informava o Professor Prescott que o Senhor lhe tinha mostrado a professora de Kalamazoo num sonho. Ela descrevia a senhora, mencionando a sua roupa e aparência geral quando viesse encontrar-se com o Professor no seu escritório e o que ela diria quando a carta lhe fosse lida. Tudo isto seis semanas antes de ter acontecido.

Quando a senhora chegou ao colégio, o Professor Prescott chamou alguns colegas para que estivessem presentes na entrevista. Então leu a carta de Ellen White. A carta avisava Prescott quanto à incapacidade da senhora para qualquer função no Colégio de Battle Creek. Devia ter sido muito embarracoso para ela. O que poderia ela dizer? Ela disse: «Cavalheiros, só Deus podia ter dito à sra. White o que ela disse nessa carta.» — exactamente o que Ellen White havia escrito que ela diria. Sendo tanto um cavalheiro como um erudito, o Professor Prescott tornou tão airosa quanto possível a retirada da senhora.

Instituição Médica Estabelecida

De 1904 a 1912 eu ouvi Ellen White em várias reuniões na Califórnia do Sul, com crescente interesse e convicção quanto ao seu chamado e missão

no mundo. Durante esses anos a Irmã White estava especialmente preocupada com a importância da obra de estabelecimento de centros médicos nas áreas em rápido desenvolvimento no sul da Califórnia. Ela insistiu com John A. Burden, um experiente financeiro, para que desse o seu tempo a este trabalho.

John Burden sabia perfeitamente que Ellen White era a mensageira especial de Deus para este tempo, e trabalhou arduamente para seguir as suas instruções. As suas cartas frequentes eram um estímulo para ele. Ela assegurou-lhe que Deus motivaria amigos a dar assistência financeira. E Ele assim fez. Duas grandes instituições médicas resultaram desta experiência: Glendale Adventist Hospital, na grande Los Angeles, e Loma Linda University perto de San Bernardino.

Foi um grande privilégio para mim, como jovem, estar associado a John Burden no período da fundação dos centros médicos.

Mas tenho que mencionar outros factos inesquecíveis ocorridos nos últimos anos da vida de Ellen White.

«A Querida Velhinha que nos Visitava»

Ela fazia o que pregava. Lembro-me quando ela vivia em «Elmshaven», a sua última residência, nos montes sobranceiros a Napa Valley, Califórnia. Ela costumava dar um passeio de carruagem, puxada por um cavalo, duas ou três vezes por semana, acompanhada pela sua companheira, senhorinha Sara McEnterfer. Ela tinha sempre um suprimento de folhetos prontos a serem distribuídos conforme ia parando aqui e ali para visitar os rancheiros e vihateiros. Algumas vezes elas iam a uma casa em que havia doentes, e após uma curta estadia, Ellen White orava pelos presentes. Como ela era uma pessoa muito amistosa tanto com jovens como com pessoas de idade, as suas visitas eram muito apreciadas. Quando Ellen White morreu, algumas destas pessoas atenderam ao serviço fúnebre realizado no relvado de «Elmshaven», o primeiro de três serviços similares. Elas queriam ver uma vez mais «a face da querida velhinha que vinha à nossa casa para falar connosco e orar por nós».

Sim, ela era uma grande obreira individual, embora o seu tempo fosse, na sua maior parte, utilizado para escrever os seus muitos livros e artigos. E havia, em si, uma preocupação constante pela juventude. A senhora Carrie Hungerford, a enfermeira nocturna que esteve com Ellen White durante a fase final da sua doença, disse-me que Ellen White orava à noite em surdina. A senhora Hungerford ia até à sua cama e ouvia. Essas orações em surdina eram, na sua maior parte, em favor da juventude, a esperança do futuro.

O Círculo de Certeza

Uma coisa que tem tornado a sra. White inesquecível para mim é o círculo de certeza que envol-

ve os seus escritos. Esse mesmo círculo de certeza é encontrado na Bíblia. Isto é natural porque todos estes escritos foram inspirados pela mesma fonte. Ver Apocalipse 1:1 e II Pedro 1:21. Estes versículos mostram claramente que Deus, o Pai, e Jesus Cristo, o Filho, e o Espírito Santo são a origem, a fonte, de toda a profecia verdadeira.

Estou em dúvida para com Ellen White, como o estão também todos os que foram ajudados de qualquer maneira pelas casas publicadoras, escolas ou instituições médicas Adventistas. Ela foi, sob influência divina, o espírito motivador na fundação destas instituições através de orientação profética, e esta mesma orientação tem protegido e multiplicado a sua influência mundial na salvação de almas.

Tal como a orientação profética dada através de Moisés foi o factor principal que levou os Israelitas a sair do Egito para a fronteira da Terra Prometida.

tida (Oséias 12:13), também a direcção profética através da mensageira de Deus tem sido um factor de orientação e protecção da Igreja Adventista desde 1844. As exposições, predições, instruções e alucções proféticas de Ellen White mostram que Deus a guiou tão verdadeiramente como a Moisés, tão seguramente como a Samuel, tão certamente como a Daniel e tão completamente como ele inspirou João Baptista.

Toda a honra e glória sejam dadas a Deus.

Para mim Ellen White foi a Adventista mais inesquecível que já conheci. É meu objectivo honrar a sua memória pondo em prática os bons hábitos do seu estilo simples de vida, seguindo as instruções dadas por Deus nos seus escritos, e, como ela, sendo inteiramente dedicado ao Senhor e Seu trabalho em toda a terra.

Olhando para Jesus

Apenas 3 palavras. Mas estas 3 palavras contêm todo o segredo da vida: «Olhando para Jesus».

«Olhando para Jesus» — através das Escrituras para saber o que Ele é, o que Ele tem feito, o que Ele dá, o que Ele pede, para encontrar no Seu carácter o nosso modelo, nos Seus ensinos a nossa instrução, nos Seus preceitos a nossa lei, nas Suas promessas o nosso apoio, na Sua pessoa e na Sua obra a plena satisfação para os anseios da nossa alma.

«Olhando para Jesus» — crucificado, para encontrar no Seu sangue derramado o nosso resgate, o nosso perdão, a nossa paz.

«Olhando para Jesus» — elevado ao Céu, para encontrar n'Ele a única justiça que nos pode justificar, e, através do Qual, por mais imerecedores que sejamos, nos podermos aproximar, com toda a confiança no Seu nome, d'Aquele que é o Seu Pai e nosso Pai, Seu Deus e nosso Deus.

«Olhando para Jesus» — glorificado, para encontrar n'Ele o nosso Advogado com o Pai, realizando, através da Sua intercessão, a graciosa obra da nossa salvação; comparecendo sempre na presença de Deus por nós e suprindo a imperfeição das nossas orações pelo poder daquelas que o Pai sempre ouve.

«Olhando para Jesus» — como nos é revelado pelo Espírito Santo, para encontrar, na constante comunhão com Ele, a purificação dos nossos corações manchados de pecado, a iluminação das nossas mentes entenebrecidas, a transformação dos

nossos pervertidos desejos, a fim de que possamos triunfar sobre o mundo e sobre o pecado, resistindo à sua violência através de Jesus, nossa força, vencendo os seus ardis através de Jesus, nossa sabedoria, defendidos pela simpatia de Jesus que em tudo foi tentado e pela ajuda de Jesus que resistiu e venceu.

«Olhando para Jesus» — através de Quem podemos receber o trabalho e a cruz de cada dia, com graça que é suficiente para levar essa cruz e realizar a obra; paciência através da Sua paciência; acção pela Sua actividade; amando com o Seu amor; não perguntando «o que posso fazer?», mas «o que não pode Ele fazer?», contando com a Sua força, a qual se aperfeiçoa na fraqueza.

«Olhando para Jesus» — cujo brilho da Sua face pode iluminar as nossas trevas, santificar a nossa alegria e subjugar ou aliviar os nossos pesares; que pode humilhar-nos para nos exaltar no momento próprio; afligir-nos para nos confortar em seguida; despir-nos da nossa justiça para nos cobrir com a Sua; ensinar-nos como orar e responder às nossas orações, de maneira que, enquanto nos encontrarmos no mundo, não sejamos do mundo, estando a nossa vida escondida com Ele em Deus, e as nossas palavras testemunhando d'Ele diante dos homens.

«Olhando para Jesus» — que voltou à casa do Seu Pai para nos preparar um lugar, cuja bem-aventurada esperança nos dá coragem para viver sem murmuração, para morrer sem sentir qualquer pesar quando chegar o dia de enfrentar o último inimigo que Ele venceu por nós — e que nós venceremos através d'Ele.

«Olhando para Jesus» — que dá o arrependi-

mento assim como a remissão dos pecados para receber d'Ele um coração que sente os Seus desejos e clama por graça a Seus pés.

«Olhando para Jesus» — que nos ensina a olhar para Ele que é o autor e objecto da nossa fé e que pode guardar-nos nesta fé da qual Ele é também o consumidor.

«Olhando para Jesus» — e não para outro, como diz o nosso texto, numa palavra que não se pode traduzir, mas que vem até nós com o intuito de nos ajudar a fixar os nossos olhos n'Ele, desviando-os de tudo quanto se ache ao nosso redor.

«Olhando para Jesus» — e não para nós mesmos, para os nossos pensamentos, para os nossos desejos, para os nossos planos; para Jesus e não para o mundo, para os seus atractivos, para os seus exemplos, para as suas máximas, para as suas opiniões; para Jesus e não para Satanás, ainda que ele tente amedrontar-nos com o seu furor ou seduzir-nos com a sua lisonja. Oh! quantas questões inúteis, quantos escrúpulos inquietantes, quantos compromissos perigosos com o mal, quantos pensamentos distraídos, quantos sonhos vãos, quantos desapontamentos amargos, quantas lutas dolorosas, quantas apostasias se poderiam evitar se olhássemos para Jesus e O seguíssemos por todo o caminho por onde Ele nos conduz, sem olharmos para outro lado — nunca desviando o nosso olhar daquilo para o qual Ele nos dirige.

«Olhando para Jesus» — e não para os nossos irmãos; nem mesmo para aqueles que nos parecem os melhores ou que nos são mais queridos; se seguirmos um homem corremos o risco de perdermos o caminho; mas, se seguirmos Jesus, podemos estar certos de que nunca nos perderemos; além disso, pondo um homem entre Cristo e nós, acontece que, imperceptivelmente, o homem cresce aos nossos olhos, enquanto Cristo diminui; e, em breve, não sabemos como encontrar Cristo sem encontrar o homem e, se este último falhar, tudo estará perdido. Mas se, ao contrário, Jesus permanece entre nós e os nossos mais caros amigos a nossa ligação com eles será menos directa mas, ao mesmo tempo, mais doce; menos apaixonante, mas mais pura; menos necessária, mas mais útil.

«Olhando para Jesus» — e não para os obstáculos que encontramos no nosso caminho. Desde o momento em que pararmos para os considerar eles nos assustarão, nos enervarão e nos lançarão por terra, incapazes como somos de compreender quer a razão por que foram permitidos, quer os meios

pelos quais podemos vencê-los. O apóstolo começou a naufragar quando começou a olhar para as ondas tumultuosas; mas, logo que se volveu para fixar os seus olhos em Jesus, ele pôde caminhar sobre as ondas como sobre uma rocha. Quanto mais difícil e pesada fôr a nossa cruz maiores vantagens teremos em olhar para Jesus sempre.

«Olhando para Jesus» — e não para as bênçãos temporais que desfrutamos. Olhando primeiro para estas bênçãos, corremos o risco de sermos tão amarrados por elas que somos impedidos de ver Aquele que as dá. Quando olhamos primeiro para Jesus, recebemos todas estas bênçãos como vindas d'Ele; elas foram escolhidas pela Sua sabedoria, dadas pelo Seu amor; mil vezes mais preciosas porque são recebidas da Sua mão, para serem desfrutadas em comunhão com Ele e usadas para a Sua glória.

«Olhando para Jesus» — e não para a nossa força — com a qual apenas podemos glorificar-nos a nós mesmos. Para glorificar a Deus necessitamos de força de Deus.

«Olhando para Jesus» — e não para a nossa fraqueza. Tornamo-nos alguma vez fortes lamentando-nos das nossas fraquezas? Mas, se olharmos para Jesus, a Sua força fortificará os nossos corações, e romperemos em cânticos de louvor.

«Olhando para Jesus» — e não para os nossos pecados. A contemplação do pecado traz apenas morte; a contemplação de Jesus produz vida. Não era pela contemplação das suas feridas, provocadas pelas serpentes ardentes, que os israelitas eram curados.

«Olhando para Jesus» — e não para a lei. A lei dá-nos os seus preceitos, mas não nos dá a força necessária para lhes obedecer. A lei condena sempre e nunca perdoa. Estar debaixo da lei é estar fora da graça. Na mesma medida em que fizermos da nossa obediência o meio da nossa salvação, perderemos nessa mesma medida a nossa paz, a nossa força, a nossa alegria, porque esquecemos que «Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê» (Rom. 10:4). Logo que a lei nos constranja a buscar a salvação unicamente em Cristo, a obediência, que exige nada menos que o nosso coração completo, os nossos pensamentos mais secretos, não constituirá um jugo de ferro, um peso insuporável e será menos uma consequência da nossa salvação do que uma parte da mesma, e, como tudo o mais, constituirá o dom da livre graça.

«Olhando para Jesus» — e não para o que estamos a fazer para Ele. Se ligarmos muito ao que

Uma Revista Adventista em cada lar

estamos a fazer, podemos esquecer o nosso Mestre — podemos ter as nossas mãos cheias, mas os nossos corações vazios; mas, se olharmos, de contínuo, para Jesus, não esqueceremos o nosso trabalho; se os nossos corações estiverem cheios do Seu amor, as nossas mãos estarão activas no Seu serviço.

«Olhando para Jesus» — e não para o êxito aparente dos nossos esforços. O êxito aparente não é sempre a medida do êxito real; e, além disso, Deus não ordena êxito mas trabalho. Somos muito propensos a afrouxar o nosso zelo quando contemplamos os nossos feitos, quando deveria ser o contrário. Olhar para o nosso êxito, é caminhar pela vista; olhar para Jesus e perseverar em segui-l'O a despeito de todos os desânimos é caminhar pela fé.

«Olhando para Jesus» — e não para as graças que temos recebido ou estamos agora recebendo d'Ele; a graça de ontem foi concedida com a actividade de ontem; não a podemos usar por mais tempo; não devemos falar disso por mais tempo. Assim, como a graça do dia de hoje nos é confiada não para ser contemplada mas para ser usada; não para fazer gala, para parecermos ricos mas para ser empregue imediatamente; só assim poderemos, em nossa pobreza, olhar para Jesus.

«Olhando para Jesus» — e não para os temores profundos que sentimos pelos nossos pecados ou para o grau de humildade que eles produzem em nós. Se eles nos humilham, não podemos ter prazer em nós; se eles nos abatem, então devemos olhar para Jesus que nos pode livrar deles, que é tudo o que Ele requer de nós. E, é olhando para Ele que, acima de tudo, faz com que as nossas lágrimas corram e o nosso orgulho se desvaneça.

«Olhando para Jesus» — e não para a intensidade da nossa alegria ou para o fervor do nosso

amor. Desconfiemos das emoções religiosas. O que importa é que sejamos sempre abundantes na obra do Senhor, olhando, constantemente, não para os caprichos do nosso coração mas para Jesus que é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

«Olhando para Jesus» — e não para a nossa fé. O último engano de Satanás, em que ele consegue desviar-nos do caminho, é levar-nos a desviar os nossos olhos de Jesus para olharmos para a nossa fé, e, assim, perdermos a coragem se ela é fraca; e ensoberbecer-nos se ela é forte. Em qualquer dos casos, ela se enfraquece. Porque não é a nossa fé que nos faz fortes mas é Jesus por meio da fé. Não somos fortalecidos por contemplarmos a nossa fé, mas em olharmos para Jesus.

«Olhando para Jesus» — porque é d'Ele e n'Ele que nós aprendemos a conhecer o mundo e a nós próprios — a nossa miséria, os perigos, assim como as possibilidades de vitória. Tudo o que fôr bom para nos ajudar a conhecer Jesus Ele nos ensinará. Mas tudo o que Ele não nos ensinar é melhor para nós não conhecermos.

«Olhando para Jesus» — durante todo o tempo que Ele nos concede aqui na terra. Olhando para Jesus sempre — e cada vez mais — não permitindo que a lembrança do passado de que conhecemos tão pouco ou os cuidados dum futuro desconhecido distraia os nossos pensamentos; para Jesus agora, se nunca olhámos para Ele; para Jesus de novo, se alguma vez deixámos de o fazer; para Jesus sempre com um olhar mais fixo e constante, «transformados na mesma imagem de glória em glória». Só então poderemos aguardar a hora em que Ele nos chamará para passar deste mundo para o céu, do tempo para a eternidade, essa hora prometida e feliz, quando formos, finalmente, como Ele é, porque assim como Ele é O veremos».

ARMANDO COTTIM

As Bodas de Caná

«E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia, e estava ali a mãe de Jesus, e os seus discípulos para as bodas. E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam dois ou três almudes. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas.

E encheram-nas, até cima. E disse-lhes: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E levaram.» (João 2:1-8)

Este é, sem dúvida, um dos textos mais conhecidos e mais citados dos evangelhos. No entanto, quando lemos o texto, torna-se difícil a compreensão de certos detalhes; começaremos o nosso estudo pelos mais simples, para concluir com o ponto verdadeiramente difícil na interpretação do relato.

Umas Bodas

Da atitude autoritária de Maria podemos concluir que se tratava de familiares, o que é comprovado pela inspiração.⁽¹⁾

ARMANDO COTTIM

Aluno de Teologia no Seminário de Collonges, França

Habituados à nossa civilização, na qual uma festa de bodas dura escassamente uma tarde, arriscamos querer compreender o texto nesta base, o que seria erróneo, já que, na Palestina, nesse tempo, as festividades de bodas se prolongavam normalmente por sete dias, se a noiva se casava pela primeira vez, ou por três dias, no máximo, se a noiva era viúva.⁽²⁾

O Convite

Não podemos pretender que foi a fama de Jesus que deu origem ao convite, pois Ele estava a dar início ao Seu ministério. A única explicação plausível é o parentesco existente entre Ele e os noivos.

Se estamos em posição de compreender o porquê do convite, não podemos senão conjecturar o momento em que foi feito.

Maria «estava ali»; o tempo verbal empregue implica uma continuidade na acção. Contrastando, o tempo do verbo utilizado para dizer que Jesus «foi convidado» indica uma acção levada a cabo num momento. A oposição entre os dois tempos verbais parece indicar que Jesus chegou no início das festividades ou, talvez, mesmo no decorrer das mesmas,⁽³⁾ sendo então convidado.

A Mãe de Jesus

Porque não se fala aqui de *Maria* mas sim da «*mãe de Jesus*»? Será — como pretendem alguns comentadores católicos romanos — para elevar Maria aos olhos dos leitores, lembrando o seu parentesco com o Salvador?

Quando se conhece a mentalidade oriental, chega-se a compreender rapidamente a razão de ser deste facto.

Hoje ainda, entre os Árabes, é uma honra para uma mulher ser chamada como a mãe do seu filho.⁽⁴⁾

Este hábito oriental serviu de maravilha a João,

pois vai de encontro ao seu desejo de centralizar todo o seu evangelho ao redor de Jesus.

«Não têm vinho.»

«Antes do fim da festa»⁽⁵⁾, o vinho faltou.

Sendo da tradição que houvesse bebida para toda a duração das festividades, não se pode crer que a provisão fosse insuficiente. A única razão válida para este acontecimento é que a chegada de Jesus e Seus discípulos — pessoas que não estavam nas previsões — houvesse aumentado o consumo.

Porque razão veio Maria contar a Jesus este problema dos seus parentes? Ela não podia esperar um milagre porque Jesus ainda não tinha feito nenhum. No entanto esta curta frase contém claramente «uma sugestão de que Ele poderia suprir a necessidade»⁽⁶⁾.

Maria não pede nada.⁽⁷⁾ Ela constata um facto que lhe causa mágoa, pois prevê o embaraço e a desonra da família que os hospedava. Quem poderia ser melhor confidente que o seu filho?⁽⁸⁾ Mas implícita nesta confidência está a ideia de que, Aquele que ela sabia ser de origem divina, poderia solucionar o problema.

Seis Talhas de Pedra

Grandes reservatórios feitos de pedra, existentes em vários tamanhos e formas,⁽⁹⁾ estas talhas serviam para lavar as mãos, antes, durante e depois das refeições, dada a falta de utensílios de mesa.⁽¹⁰⁾

A sua capacidade era variável. Uma medida (também chamada *metreta* ou *almude*) equivale a entre 36 e 41 litros⁽¹¹⁾, de maneira que as talhas teriam de capacidade entre 70 e 125 litros cada uma.

O Novo Vinho

Os pormenores que rodeiam o relato revelam

**LIVRARIA
DA
IGREJA
ADVENTISTA**

*ESTAS, E MUITAS OUTRAS
OFERTAS SENSACIONAIS*

Saiba viver melhor!
certifique-se desta afirmação.

- LIVROS MAGNÍFICOS
- CARTÕES POSTAIS
- DISCOS
- CASSETES
- JOGOS BÍBLICOS



Para si e seus filhos

à Rua Joaquim Bonifácio, 17 LISBOA

que há mais para além do vinho do que, simplesmente, resolver um problema de bebida para a boda.

A grande quantidade não indicará a sumptuosidade dos tempos messiânicos? O momento — tão propício — não será presságio do vinho Eucarístico, da Santa Ceia? A parábola do vinho novo⁽¹²⁾ não seria uma repetição deste episódio, contrastando as duas economias da salvação que se encontram em Jesus (a judaica e a cristã)?

Ellen White faz uma comparação interessante:

O vinho provido por Cristo para a festa e o que Ele deu aos discípulos como símbolo do Seu próprio sangue era o puro sumo da uva. ⁽¹³⁾

Vistos os pormenores mais simples, passemos ao ponto realmente difícil deste relato.

A Resposta de Jesus

Todos os Judeus do tempo de Jesus falavam, pelo menos, três línguas. A língua corrente, falada no «dia-a-dia», era o aramaico; para as cerimónias religiosas utilizavam o hebraico, língua sagrada; e como resultado da ocupação, todos eram obrigados a conhecer o grego.⁽¹⁴⁾

Uma vez que a conversação se desenrolou em Aramaico, devemos fugir à tentação de tentar compreender o texto tal como aparece na nossa língua, ou mesmo no texto grego, e buscar o significado da expressão aramaica utilizada, sem o que encontraremos problemas irresolúveis.

A resposta de Jesus pode, e deve, ser dividida em três partes para que possa ser compreendida na sua totalidade.

1) Mulher, (...)

Se, para nós, no século XX, este tratamento parece desrespeitoso, tal não era o caso. Um filho chamaria normalmente *mãe* à mulher que lhe dera o ser, mas, em circunstâncias particulares, poderia chamar-lhe *mulher*, para marcar uma atitude mais reverente em relação a ela.⁽¹⁵⁾

2) (...) que tenho eu contigo? (...)

Em grego encontramos *ti emoi kai soi*, o que, traduzido literalmente, significa «*quê a mim e a ti?*». Em aramaico esta expressão corresponderia a *mâh-li-welâk*, fórmula similar à que encontramos várias vezes no Antigo Testamento.⁽¹⁶⁾

Em todos os textos do Antigo Testamento onde encontramos a expressão, podemos ver que nenhuma das duas partes em causa busca ter problemas ou pôr-se em más relações com a outra parte.

Semelhantemente, neste caso, a situação não convida a uma querela familiar, uma vez que, a exemplo dos textos do Antigo Testamento citados, devemos compreender a resposta de Jesus como compreendemos as outras. Diz Reüss:

Trata-se duma frase frequentemente empregue no Antigo Testamento para afastar uma proposição feita por outro, para declinar uma solidariedade ou cumplicidade, *para se reservar*, enfim, a *independencia completa da acção pessoal*.⁽¹⁷⁾

Como, neste caso, Jesus não afasta a proposição nem nega ser solidário (Ele resolve a situação em bem), concluimos que, com esta resposta, Ele limitou a acção de Maria, lembrando-lhe que era independente das vontades humanas.

Ainda hoje, os povos árabes — continuadores zelosos das tradições perdidas por outros povos orientais — utilizam uma expressão semelhante (*malek*) que quer dizer «*quê a ti*», significando «*não te preocupes*».⁽¹⁸⁾

3) (...) Ainda não chegou a minha hora.

Como Maria, mesmo sem pedir, esperava que Ele fizesse algo, para remediar a situação,⁽¹⁹⁾ Jesus junta esta frase à Sua resposta, com quatro intenções que se completam.

a) Indicar que todos os actos da Sua vida cumprim um plano estabelecido por Deus desde a eternidade.⁽²⁰⁾

b) Responder ao pensamento de Maria de que Ele era o Messias.⁽²¹⁾

c) Prevenir a tendência humana de Maria de querer dirigir Aquele que, por trinta anos, lhe fora obediente.⁽²²⁾

d) Dar a certeza a Maria de que, chegada a hora, Ele cuidará da necessidade assinalada.⁽²³⁾

Podemos parafrasear a resposta de Jesus, de forma que seja compreensível à nossa mentalidade moderna e ocidental, como segue:

Mãe, porque me vens dizer isso? Eu posso prover a essa necessidade, mas só o Meu Pai Celeste me pode dizer o que devo fazer e quando o devo fazer. Tem paz, a hora de me manifestar como Messias chegará, o Pai me indicará.

Conclusão

Como com todos os textos bíblicos, querer esgotar as lições deste texto seria utópico. Assim, por agora, contentar-nos-emos em tirar sete lições práticas deste relato, as quais ordenaremos arbitrariamente.

1) É necessário compreender a Bíblia no seu contexto social, caso contrário faremos dizer aos personagens bíblicos aquilo que eles não dizem.

2) Deus pode resolver qualquer problema num momento.

3) O parentesco de Maria com Jesus não a colocava para com Ele em posição diferente, espiritualmente, da de qualquer outra alma humana.⁽²⁴⁾

4) Maria confiou no Salvador. A sua ordem aos servos é, ainda hoje, um conselho de valor para todos nós.

Assine e divulgue a

Revista Adventista

- 5) Jesus honrou e honra o matrimónio.
 6) Jesus não recusava cenas de inocente prazer social.
 7) Jesus buscava oportunidade de fazer algo pelos outros, quer ajudando nas dificuldades, quer fortificando a fé.

Pomos nós em prática cada uma destas lições? Este relato deve ser um espelho no qual nos devemos olhar de maneira a medir a nossa vida! Que vemos?

Referências Bibliográficas

- (1) Ellen G. White, *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, p. 1132
 (2) cf. Henri van den Bussche, (Jean, Paris, Desclée de Brower, 1976), p. 139
 (3) Como veremos adiante o aparecimento de Jesus com os discípulos teria favorecido o esgotamento prematuro da reserva.
 (4) H. van den Bussche, *op.cit.*, p. 139

- (5) E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*. (ed. bolso), p. 129
 (6) *idem*, p. 130
 (7) H. van den Bussche, *op.cit.*, p. 141
 (8) Edouard Reuss, *La Bible — Nouveau Testament* (Paris, Librairie Sandoz et Fischbacher, 1879, 6^a parte, p. 134
 (9) cf. L. Bonnet e A. Schroeder, *Comentario del Nuevo Testamento*, (Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 2^a ed., 1974), vol. 2, p. 80
 (10) cf. Ed. Reuss, *op.cit.*, p. 135
 (11) Gaston Valtete, in *Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, (Valence, Imprimeries Réunies, 3^a ed., 1973), vol. 2, pp. 414, 415
 (12) Mateus 9:17; Marcos 2:22; Lucas 5:32-38
 (13) E. G. White, *O Desejado...*, p. 133
 (14) cf. Robert Aron, *Les Années Obscures de Jésus*, (Paris, Ed. Bernard Grasset, 1960), pp. 47, 48
 (15) cf. Giuseppe Ricciotti, *Vida de Jesucristo*, (Barcelona, Ed. Luis Miracel, S. A. 9^a ed., 1968), pp. 313, § 283
 (16) cf. 2 Samuel 16:10; 2 Reis 9:18,19; Juizes 11:12 entre outros
 (17) Ed. Reuss, *op.cit.*, p. 134
 (18) cf. M. J. Lagrange, *L'Evangile de Jésus-Christ*, (Paris, J. Gabalda et Fils, ed., 6^a ed., 1929), p. 85
 (19) E. G. White, *O Desejado ...*, p. 129
 (20) *idem*, p. 131
 (21) *idem*
 (22) *idem*, p. 130
 (23) Evidentemente, Maria comprehendeu a resposta de Jesus como uma afirmação de provimento à necessidade.
 (24) E. G. White, *O Desejado ...*, p. 130

EUNICE MENDES ALVES

CURIOSIDADE — DEFEITO OU QUALIDADE?

«Não sejas tão curioso!»

Esta é uma frase frequentemente ouvida por crianças e adolescentes. Será esta a maneira mais adequada de responder a uma criança ou a um adolescente curioso? Não esqueçamos que, se a curiosidade é muitas vezes um defeito, ela pode ser por vezes uma qualidade.

Sabe-se que a curiosidade pode ser um defeito ou uma qualidade segundo as consequências e pode-se defini-la como a faculdade que o homem possui de querer saber cada vez mais, de se interessar pelo que não conhece e sobretudo pelo que é difícil de compreender.

Este «defeito» ou esta «qualidade» é inerente ao homem desde a sua infância. Há uma relação directa entre a inteligência de uma criança e a sua curiosidade. Quanto mais inteligente for uma criança mais numerosas são as perguntas que ela formula, algumas mesmo muito profundas.

No entanto as perguntas podem ser feitas num momento inadequado ou por vezes sobre assuntos que não têm nenhum interesse como, por exemplo, sobre a vida particular de cada um, sobre assuntos que não lhe dizem respeito, etc. Nessa altura é necessário educar a criança para que a sua curiosidade seja positiva, seja uma qualidade.

Este problema põe-se para os adultos da mesma maneira que para as crianças. Todos nós conhecemos pessoas que não gozam dum grande simpatia por causa da sua «curiosidade defeito», do seu desejo de se intrometerem na vida dos outros, de tudo quererem saber para tudo irem contar. É bem conhecida a curiosidade de Eva a respeito do fruto proibido e as consequências da sua desobediência.

Se a curiosidade «qualidade» é natural na criança e no adolescente e os leva ao desejo de aprofundar os seus conhecimentos e de tentar explicar os problemas, ela é também constante nos adultos.

Foi a curiosidade que levou o Homem desde o início da sua existência, à descoberta de novos métodos e ao desenvolvimento científico. Através da História são numerosos os exemplos de curiosidade: a descoberta do fogo, os descobrimentos marítimos; no domínio da física a descoberta da máquina a vapor e da electricidade; no domínio da medicina a descoberta de vacinas, entre outras; no domínio da literatura o gosto dos realistas pelo detalhe, etc.

A curiosidade não se verifica somente no que diz respeito aos fenómenos da natureza do ponto de vista animal, vegetal ou mineral, ela também leva o homem a aprofundar o conhecimento de si próprio, dos seus próprios problemas no aspecto psicológico e também dos que afligem a humanidade. Por consequência, descobertas feitas neste domínio podem ajudar as pessoas, segundo a origem dos seus problemas.

Foi também desde o início da sua existência que o homem experimentou uma curiosidade a respeito de um ser superior, a respeito da noção de Deus, por exemplo Moisés quis ver a Deus; e a respeito de saber o que existe para além da morte, ex: a civilização egípcia.

Depois de termos procurado analisar sob alguns aspectos a curiosidade como um defeito ou como uma qualidade podemos concluir que a devemos evitar como defeito e desenvolvê-la como qualidade, pois ela desenvolve a posição do homem no sentido do conhecimento de si próprio e do mundo que o rodeia.

A Cura da Ferida Mortal

«E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfémia. E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono e grande poderio. E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?» (Apocalipse 13:1-4).

Estes episódios são sobejamente conhecidos. Eles estão aqui para nos advertir e para mostrar a gravidade da hora em que vivemos. Creio que, muitas vezes, temos esquecido de dar a devida importância aos sinais no campo religioso. Este receio é ainda maior quando, sob o ponto de vista histórico, político e sociológico, sem falar na teologia, encontramos explicações, absolutamente válidas mas retiradas do seu contexto profético.

Como povo profético que somos, não podemos limitar-nos à constatação histórica, mas sentimo-nos obrigados a estabelecer uma relação entre a história e a profecia, buscando uma melhor visão.

FACTOS PROFÉTICO-HISTÓRICOS

No versículo 2 o dragão, ou seja o Império Romano, dá à besta «o seu poder, o seu trono e grande poderio» ou autoridade. Sabe-se que o poder aqui mencionado é um poder que deixa de ser essencialmente político, passando a ser um poder político-religioso, que determinados comentadores, identificam como «o grande império moral, em forma gigante da Igreja Romana» (1). A estrutura política e administrativa do Império Romano vai servir de base à Igreja Romana, tal como a palavra trono deixa facilmente entender. O trono dos Césares — *Pontifex Maximus* — torna-se o trono do chefe da igreja, conhecido como o Papa, que vai usar o mesmo título dos Césares — *Soberano Pontífice*. Tal como no campo político o Império Romano possuía uma autoridade indiscutível no mundo conhecido de então, a Igreja Romana vai, não só receber essa auto-

PAULO J. MORGADO

Pastor Estagiário
na Igreja do Porto e Vila do Conde

ridade, como empregá-la de modo a exercer um profícuo controlo em matéria política e religiosa sobre a humanidade, especialmente durante a Idade Média.

No versículo 3 é-nos dito que uma das suas cabeças havia sido ferida de morte ou como outras traduções dizem «golpeada de morte». No original o sentido é que essa ferida ou golpe (o que em face da história é mais compreensível) a condenou ou levou à morte.

Ao mesmo tempo em que se dava o fim da Idade Média assistia-se ao desenvolvimento científico e tecnológico que provocou a «emancipação do homem», criando um sentimento de independência em relação a tudo o que era religioso. A religião na altura era a Igreja Católica. O que nos dá certos indícios da perda de poder que até então havia desfrutado.

A Revolução Francesa de 1789 e a consequente entrada em Roma do general Berthier, em 1798, dando lugar à prisão do papa, bem como a revolução de Garibaldi (1866-1870) através da qual o povo de Roma pediu que a igreja fosse privada das suas terras, vieram provocar o golpe que a levaria à morte.

Tal como um ser humano que está condenado à morte luta pela sobrevivência, assiste-se também neste período por parte da Igreja Católica a uma luta. Há como que uma tentativa para recuperar o lugar perdido.

Primeiramente, logo em 1870, através do concílio do Vaticano I são promulgados dois dogmas de importância capital para a história da igreja e do próprio cristianismo: o da Imaculada Conceição e o da Infalibilidade Papal.

Durante a guerra de 1914-1918, os estados ditos cristãos, estando em perigo e necessitando de apoio para os ajudar na unificação dos seus esforços, encontraram na Igreja Católica esse apoio tão procurado de parte a parte. A Igreja volta a ter um importante papel após cem anos de actuação secundária.

Em 1929 a Itália estava em plena crise. Mussolini estava impossibilitado de impor, sozinho, a sua política. Entra em conversações com a igreja romana e chegam a um acordo através do qual a igreja concede apoio ao estado italiano e este compromete-se a restituir-lhe os privilégios que havia perdido.

Este acordo fica na História como o «Tratado de

Latrão» (2) e em substância reconhece: 1) A independência da Santa Sé e a soberania jurídica sobre a cidade do Vaticano. 2) Direito de propriedade sobre várias igrejas e edifícios fora da cidade do Vaticano. 3) A Itália reconhece o Catolicismo como a única igreja do Estado. 4) A Igreja está autorizada a exercer livremente o poder espiritual.

No versículo 3 e 4 é fácil deduzir que a cura seria total quando a ferida deixasse de ser visível, quando nada deixasse supor que algo tivesse acontecido. É neste contexto que se pode ver a Igreja Romana e a sua importância nos nossos dias, bem como no futuro. O período que decorre desde o início da cura, após a Primeira Guerra Mundial, até toda a terra se admirar, prolongou-se sensivelmente, na nossa opinião, até à segunda parte dos anos setenta.

O versículo 4 dá-nos uma clara visão do momento exacto em que a Igreja atinge o seu apogeu, altura em que unicamente é possível o cumprimento das profecias. Certos acontecimentos que tiveram lugar após a eleição de João Paulo II levam-nos à conclusão de que começámos a viver este período.

A SITUAÇÃO ACTUAL

Analisemos alguns dos factos que, na nossa opinião, nos parecem suficientemente importantes.

A Igreja Católica após o Concílio do Vaticano II estava «confusa». Os seus membros interrogavam-se sobre o significado e objectivos das novas directrizes. Daí que a primeira preocupação do papa fosse «tornar os católicos mais confiantes» (3). Mas à medida que o seu pontificado avança, aquele que no momento da sua eleição se sentia eleito pela sua igreja, «hoje baseia a sua força nas multidões que se acotovelam à sua volta e com os quais o contacto se estabelece imediatamente» (4). Este apoio popular, universal, vai proporcionar ao papa o poder, a força para «não só revitalizar a sua conturbada igreja, mas também lhe dar autoridade para governar» (5). Como compreender de outro modo a «marcha atrás» no sentido de um conservadorismo exemplar no que diz respeito ao culto de Maria, ao baptismo das crianças, ao casamento dos padres ou ainda quanto à posição irredutível respeitante ao aborto, aos contraceptivos e à moral?

João Paulo II é um homem com um dom inato para a liderança. Daí que Hans Küng o tivesse considerado «como campeão da paz, dos direitos do homem, da justiça social, ... de uma igreja forte», bem como «um homem imponente ... que sabe responder às necessidades das massas. Um líder digno de confiança é mais do que raro no mundo de hoje» (6).

Tendo em conta a incapacidade de resposta dos líderes políticos, como líder moral e espiritual do mundo, João Paulo II cria neste momento um

clima propício ao cumprimento profético. «Nunca na história do cristianismo as pretensões do papado em exercer uma jurisdição universal estiveram tão perto de serem cumpridas» (7).

A IMPORTÂNCIA DO ECUMENISMO

Logo após a sua eleição, João Paulo II afirmaria: «Não nos parece possível que o drama da divisão dos cristãos continue, é um objecto de perplexidade e de escândalo».

É nesta ordem de ideias que se comprehende o esforço que tem sido desenvolvido em relação ao restabelecimento das comissões destinadas ao estudo doutrinário das diversas denominações.

Que dizer da viagem à Turquia oficialmente reconhecida como uma viagem ecuménica?

A viagem à Alemanha e os contactos com a Igreja Luterana, durante os quais, pela primeira vez, a Igreja Católica através do seu Chefe reconheceu as culpas da Igreja na divisão dos cristãos?

Para a Igreja Católica o ecumenismo tem capital importância porque, no seu entender, «a unidade dos cristãos está em estrita relação com a vinda do reino de Deus entre os homens e é parte integrante da salvação de Deus para todos os homens» (8).

CONCLUSÃO

Mais do que nunca milhões de pessoas dirigem-se aos locais onde o papa se encontra. Segundo a opinião de um colaborador do jornal «Le Monde», «dir-se-ia a vinda do Messias, de tal maneira esta multidão imensa escutava com atenção e fervor as palavras lentas e solenes. Que queriam aplaudir cada frase e tentavam ver a face daquele que as pronunciava.» (9)

Que mais dizer em relação ao momento em que estamos a viver senão verificar, com os nossos próprios olhos, a importância destes factos?

A saída do nosso Salvador do lugar Santíssimo e o consequente fim do tempo da graça, bem como o estabelecimento da lei do Domingo são dois episódios dos mais marcantes da profecia para os nossos dias que estão ainda por cumprir. Qual o espaço de tempo que nos separa deles?

NOTAS:

1. A. C. Flick, *The Rise of Medieval Church*, pág. 190 (1900)
2. J. Douglas, *The New International Dictionary of the Christian Church*, pág. 581 (1974)
3. *Le Monde*, 29.03.80
4. *Idem*
5. *Time*, 18.06.79
6. *Le Monde*, 17.10.79
7. *Le Monde*, 02.03.79
8. *Time*, 19.01.80
9. *Le Monde*, 02.10.79

Escola Adventista — Porquê?

«Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele» Prov. 22:6.

É um facto que as recordações da infância nos acompanham por toda a vida. Daí ser fundamental a educação ministrada nos primeiros anos de existência de cada criança.

Dum modo geral a escola secular preocupa-se antes de mais em fornecer um conjunto de conhecimentos, úteis, sem dúvida, mas que não constituem, em si próprios, mais que um acumular de informação que, algum dia poderá vir a ser proveitosa para o seu possuidor, se este entretanto aprender a utilizá-la e tiver ocasião para tal.

No entanto, a verdadeira formação não é apenas esse transferir de conhecimento, de saber acumulado.

«E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura e em graça para com Deus e os homens» Lucas 2:52.

Jesus, o nosso modelo, o nosso alvo, o nosso exemplo. O exemplo correcto do crescimento harmonioso: em sabedoria — «melhor é a sabedoria que a força» Ecles. 9:16; em estatura — o crescimento físico equilibrado, correcto, normal, sem atrofiamentos, sem desvios, perfeito; em graça para com Deus — em respeito, em prazer, em amor a Deus, em temor pela Sua Lei... «Escondei a tua palavra no meu coração para não pecar contra Ti»; em graça para com os homens — sim, é talvez o mais difícil, crescer em graça também para com os homens... «Portanto tudo o que vós queréis que os homens vos façam, fazei-lho vós também» Mat. 7:12

Estas quatro condições, a essência do desenvolvimento harmonioso da criança, intelectual, física, espiritual e socialmente.

Esta a tarefa que a Educação Adventista se propõe. A tarefa que a Escola Adventista procura realizar. A tarefa que, com a ajuda de Deus, a Escola Adventista realizará.

Os alunos que frequentam as nossas instituições de ensino não são todos adventistas, não provêm todos de lares adventistas, não partilham todos dos nossos ideais...

No entanto, diariamente, e para além da formação intelectual, as nossas escolas procuram também

fornecer o conteúdo espiritual... A meditação e a oração feitas quotidianamente pelo professor com os alunos... O falar com Deus... A experiência nova para a criança não adventista! Aquilo que a criança aprende pela primeira vez na sua vida, na maior parte dos casos: há um Deus no Céu, um Deus vivo, um Deus actuante, um Deus com quem a criança fala cada dia... Um Deus que, deixada a escola, ela talvez não lembre tão cedo...

«Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás» Ecles. 11:1.

Esta a grande missão do professor adventista: a pregação indirecta do Evangelho, «não por força, nem por violência» ... mas no decorrer normal do dia, nas mais elementares situações, no contacto directo com os seus alunos, na forma como lhes fala, no seu exemplo, no seu amor para com eles...

Esta uma forma de evangelizar, indirecta mas penetrante, em passos curtos mas sistemáticos. Sem o risco de cansaço mas persistente.

A criança aprende a amar o bem, a compreender os valores espirituais, a aceitar que há um Deus e que esse Deus criou o mundo e que esse mesmo Deus criou especialmente o homem... A criança é instruída nos valores morais, nos valores espirituais... A criança aprende que há mais coisas na vida que o simples acumular de conhecimentos... A criança aprende a distinguir o bem do mal... Aprende a defender-se dos vícios do tabaco, da droga... E tudo isto porquê? Porque a Escola Adventista procura dar uma informação harmoniosa, completa.

Esse é um trabalho maravilhoso de evangelização, que está dando os seus frutos. Não só para a criança, mas também para os seus familiares. O pai e a mãe que ouvem falar de Jesus através do seu filho que está na Escola Adventista... O pai e a mãe que vão pela primeira vez à Igreja porque o filho levou um convite para uma reunião especial, convite este que lhe foi dado pelo seu professor...

Por tudo isto a Escola Adventista deve ser incentivada, desenvolvida, estimulada... os seus alunos apoiados, os seus professores compreendidos, pois a sua missão é nobre, os seus objectivos são preciosos, a Mão do Senhor está com eles e com eles continuará para que dêem fruto «... e um produz cem, outro sessenta e outro trinta» Mat. 13:23.

História de Peixes e Pescadores

Era uma vez um grupo de pessoas que se diziam pescadores.

Havia muito peixe nas águas vizinhas. Era uma

região rica de lagos e de rios cheios de peixe. Até o mar era rico em peixe. E o peixe estava esfomeado.

Semana após semana, mês após mês e ano após

ano, os chamados pescadores se reuniam e falavam da sua missão de pescadores, da abundância de peixe e de como pescá-lo.

Ano após ano se reuniam para definir que coisa significava pescar, recordando que a pesca é uma missão e que o principal dever de um pescador é ir pescar.

Estudavam, continuamente, novos e melhores métodos de pesca.

Foi fixado o mês do pescador com o fim de levar um maior número de pessoas à pesca.

Organizaram-se dispendiosos congressos nacionais e internacionais para discutir sobre a pesca, para promover a pesca, discutir novos métodos de pesca, novas iscas, novas descobertas sobre a pesca.

Construiram-se magníficos edifícios, chamados «Quarteis Gerais da Pesca». O objectivo era fazer compreender que todos devem ser pescadores e que cada pescador deve realmente pescar. Uma coisa, porém, ninguém fazia: era pescar!

Além das reuniões regulares, foi nomeada uma comissão de especialistas para mandar pescadores para os lugares mais ricos em peixe. Os especialistas desta comissão eram peritos em encorajar as pessoas à pesca, indicando águas longínquas ricas em peixe de variadas cores.

Empregou-se pessoal que elaborou importantes teorias sobre a pesca, e criou novos métodos de propaganda sobre a pesca, mas nem os membros dessa comissão nem os empregados iam pescar.

Foram criados espaçosos e dispendiosos centros de formação para ensinar a pescar. Elaboraram-se cursos para ilustrar as necessidades do peixe, para indicar onde encontrar o peixe, para explicar as reacções psicológicas do peixe e como aproximar-se do peixe para o apanhar.

Os professores eram licenciados em pesca, mas nenhum deles pescava. Apenas ensinavam que coisa significava pescar. E, após anos de fastidioso estudo, alguns eram licenciados em pesca. Estes eram, então, enviados a pescar, a tempo completo, em águas longínquas.

Alguns empreenderam viagens para terras distantes, onde a pesca era famosa em séculos passados. Elogiavam-se os fiéis pescadores do passado que haviam pescado com tanta dedicação.

Construiram-se, depois, importantes casas publi-

cadoras para que fossem publicados guias e literatura sobre a pesca. As máquinas trabalhavam de dia e de noite para produzir material adequado, para encorajar e desenvolver a pesca. Por fim, criou-se um departamento de relações públicas para mandar diversos oradores a várias cidades para sensibilizarem as pessoas para a pesca.

Muitos sentindo a vocação de pescadores, responderam ao apelo. Receberam, então, o encargo de ir pescar. Mas, uma vez regressados a casa, presos por tantas ocupações e preocupações, nunca foram à pesca.

Outros, puseram-se a construir materiais e aparelhos sofisticados para a pesca: anzóis, iscas, bóias e outro material especializado. As melhores técnicas foram actualizadas.

Outros, ainda, consideravam que a sua principal ocupação era a de travar boas relações com os peixes para que estes pudessem compreender a diferença que existe entre pescadores bons e pescadores maus.

Certa vez, após um apelo feito numa reunião sobre a necessidade de ir pescar, um jovem sentiu-se impulsionado a fazer qualquer coisa e foi pescar. No dia seguinte, contou que havia apanhado dois peixes excepcionais. Foi louvado pelo empreendimento e convidado a estar presente em todas as reuniões programadas para contar como havia feito. Desta forma, deixou de pescar para contar aos outros a sua experiência de pescador. Foi nomeado membro do conselho geral dos pescadores pela sua excepcional experiência.

É verdade que muitos pescadores tinham tido algumas dificuldades. Alguns viviam próximo de águas apodrecidas por causa do peixe morto. Outros eram objecto de escárneo porque, dizendo-se pescadores, não haviam pescado nada ou não haviam sequer experimentado pescar.

Mas, não eram todos eles seguidores de um Mestre que lhes havia dito: «Vinde após Mim e Eu vos farei pescadores de homens...»?

Podeis imaginar o seu embaraço quando um dia alguém lhes disse: «Pode uma pessoa chamar-se pescador se, ano após ano, não apanha sequer um peixe?» Está cumprindo o seu mandato se não vai à pesca?

Tradução, adaptada do *Ministry*, 1979,
feita pelo Pastor Juvenal Gomes

CRISTO VEM COMUNIQUEMOS AGORA!

Carta Aberta Sobre os Acampamentos

«E digo isto e testifico no Senhor para que não andeis como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido... os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometem toda a impureza. Mas vós não aprendestes assim a Cristo... A prostituição e toda a impureza ou avareza nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoices, nem chocarrices... porque bem sabeis isto: que nenhum forniciário (prática de relações extra conjugais) ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo» - S. Paulo (Efésios, cap. 4:17, 19; 5:3-5).

A direcção dos Acampamentos Nacionais de 1980 deseja apresentar aos pais, aos jovens e aos crentes em geral uma imagem, o mais objectiva possível, do que foram esses acampamentos. O aparecimento tardio desta apreciação é devido, por um lado, ao senso da necessidade de reflexão sobre o processo de avaliação que se pretende fazer e à intenção, por outro lado, de não estar muito distante da época dos próximos acampamentos para que algum proveito se venha a tirar.

Como no passado procurou-se proporcionar programas equilibrados e de interesse para os jovens das várias idades, de modo a se atingir mais facilmente os objectivos desejados tanto pelo Departamento como pelos pais e pelos jovens campistas: recreação, desenvolvimento da destreza, consolidação e formação de novas amizades, assim como a formação ética e desenvolvimento espiritual. Quanto ao acampamento de jovens casais, que por se destinar às famílias adventistas em Portugal, denominar-se-á futuramente de acampamento de famílias adventistas, todos são unâmines de que foi uma verdadeira benção. Houve convívio, respeito mútuo, recreação, enriquecimento matrimonial, confirmação da fé, edificação espiritual e uma mais íntima comunhão com Cristo. É uma experiência a repetir anualmente que além de fortalecer, significa tanto os participantes como a igreja que a promove. Tem sido este o testemunho dos casais e é a nossa convicção. Podemos já anunciar que em 1981 do programa constarão três áreas de interesse comprovado: Saúde, Educação e Classes Bíblicas.

O mesmo quase se pode dizer dos acampamentos de tições e desbravadores. Precisa-se no entanto, de ajudar os conselheiros a compreender que não são convidados a ir àqueles acampamentos para passar férias, promover serões mais ou menos

longos ou noitadas com patuscadas, mas para se ocuparem dos Tições e Desbravadores e com eles se identificarem. Estes conselheiros precisam, como dizia recentemente um pai, de ser monitores que, para além das suas capacidades de ensinar as várias especialidades, amem verdadeiramente os juvenzinhos que lhes são confiados, dedicando-se inteiramente a eles. Com tal dedicação e amor estes acampamentos oferecerão, mais que nunca, bons momentos para sãs e engenhosas brincadeiras, serão verdadeiros centros de formação moral e cívica, e constituirão também oportunidades áureas para a edificação espiritual e a tomada de decisões por Cristo, tão importantes naquelas idades. Continuaremos a prosseguir neste ideal, o que cremos não ser difícil de atingir, pois pela graça de Deus a quase totalidade dos jovens conselheiros tem já esta visão. Estamos determinados a fazer tudo para dispôr nos próximos acampamentos de uma equipa homogénea e disposta a trabalhar nestes moldes, seleccionando convenientemente todos os monitores.

No que respeita ao acampamento dos jovens, as coisas têm-se passado, infelizmente, um pouco diferente. Alguns problemas de fundo têm impedido o aproveitamento desses acampamentos. Sem pretender julgar, culpar ou condenar quem quer que seja, sentimos o dever de com coerência cristã e a devida objectividade e humildade, fazer uma análise do ambiente predominante nos acampamentos de jovens na Costa de Lavos. A acentuada degradação e o crescente desrespeito pelos valores morais e símbolos de qualquer forma de autoridade, típicos da última década, penetraram também no nosso meio e têm dominado quase totalmente nos acampamentos dos jovens. Não se opte pela conclusão fácil que tem havido da parte dos jovens uma resistência à aceitação e concordância teórica das normas, horários e programas dos acampamentos. Bem pelo contrário, tem-se notado por um lado um espírito de diálogo e desejo de cooperação, revelador de uma certa maturidade, que contrasta, por outro lado, com uma gritante desfaçatez e ousadia, a pontos de desafiar as mais elementares normas de vida numa sociedade cristã que se nega a ser apenas nominal. Isto é confuso; parece contraditório. Falemos mais claramente. Sente-se e parece ouvir-se: «aceitamos o programa diurno e até damos a nossa colaboração passiva, mas a noite é nossa; não nos ponham limites nem barreiras; somos livres, estamos de férias, queremos conviver, amar, cantar, badalar; enfim, fazer tudo menos dormir durante a noite, pois isso seria desperdiçar o nosso tempo.»

JOAQUIM DIAS

Director do Departamento de Jovens, Temperança e Educação

Poderíamos continuar neste monólogo imaginário, mas bem expressivo e evidente, formado com retalhos das respostas obtidas pelos preceptores e outros responsáveis a altas horas da noite, e por vezes já na madrugada, quando tentam do melhor modo possível encaminhar os grupos de jovens para as tendas e os convidam a respeitar o silêncio. Mais concretamente ainda, nota-se uma dificuldade cada vez maior, de impedir a prática de um crescendo de noitadas e convívios a culminar com a última noite passada na praia ou a deambular nas ruas e recantos da Costa de Lavos, deixando na população da vila uma imagem de devassidão na Juventude Adventista Portuguesa e, infelizmente, também algumas cicatrizes que marcam o físico e conspurcam a alma. Chegados pois à experiência dessa última noite, ou mais exactamente à madrugada do dia da partida, enquanto há alguns anos predominava o sentimento de saudade cristã expressa pela quase constante melodia:

«É só um até logo irmãos
E vamos a sorri
Pois Deus que aqui nos vê
Nos voltará a reunir»

Nota-se agora em muitos desses jovens campistas o sentimento de frustração, de revolta, por temer abafado, ou porventura destruído, os seus momentos passados, os programas de elevação espiritual da santa-ceia de Sexta-feira à noite e do dia de Sábado. A maioria dos jovens que vai pela primeira vez não é poupad a esta triste experiência. Perante o aliciamento de alguns veteranos, com a afirmação de que tais experiências fazem parte indispensável da tradição dos acampamentos, a accção e diligências dos responsáveis tornam-se vãs. Chega a ser desolador e frustrante presenciar a cena triste de rapazes, raparigas e grupos de várias idades insistirem teimosamente em passarem essa noite de pé, indiferentes a toda e qualquer observação ou apelo sob a tríplice alegação que «é a última noite», que «não há nada de mal», e «que faz parte da tradição dos acampamentos». Estas palavras foram dirigidas por meninas de 17 anos, cerca das três horas da manhã a dirigentes que só lhes faltou usar a coerção física para se fazerem obedecer.

É oportuno referir que o número cada vez maior de jovens adventistas acampados, voluntária e deliberadamente, fora do parque, a fim de utilizarem as instalações sanitárias e recreativas, sem temer qualquer horário ou dependência das normas dos programas, em nada tem ajudado a problemática dos acampamentos. Estes acampamentos laterais têm agravado de tal modo a situação que, de acordo com uma observação feita com muita pertinência, a não retomar com urgência medidas adequadas, em breve haveria mais jovens acampados fora do parque do que dentro.

Demoramo-nos no pormenor não para denegrir ou evidenciar o negativo. Desejamos encontrar soluções. No acampamento não se poderá encontrar remédios para os males apontados, não teremos solu-

ções para os problemas expostos. Tudo o que foi exposto não são senão sintomas. Há problemas de fundo; há doença espiritual e não é com a aplicação de panaceias aos sintomas que se curam as doenças.

A igreja, e muito particularmente a Juventude, enfrenta uma grande crise, no seu sentido mais puro que significa julgamento, decisão, escolha entre duas opções. Estamos na verdade na presença de duas correntes, duas tendências, duas filosofias de vida, ou seja, duas éticas: ética cristã e ética situacionista. Os nossos jovens involuntariamente e sem se aperceberem, embora amantes da verdade, tementes a Deus e candidatos ao Reino, são os alvos predilectos do adversário; estão no teatro das operações, influenciados pela época presente e vítimas de toda a espécie de pressões da nossa sociedade de ateísmo ou cristianismo nominal para quem a moral muda segundo as circunstâncias ou as situações e que deu origem à chamada ética situacionista defendida pelo professor Joseph Fletcher da Universidade da Virgínia e outros. De acordo com essa ética situacionista, ou nova moralidade como é também denominada, nenhum dos dez mandamentos representa um princípio moral de conduta humana. Assim, roubar, mentir, matar, adulterar, não somente é permitido como até é a coisa mais justa a fazer em certas situações. É com base neste princípio que, na nossa sociedade permissiva e «desinibida», se defendem e praticam as relações pré-matrimoniais e o amor livre. Esta nova moralidade tem penetrado tão imperceptivelmente no seio da nossa juventude ao ponto de jovens adventistas praticantes das relações pré-matrimoniais estranharem a desaprovação da igreja e afirmarem desconhecer que a Igreja Adventista não aceitava esta prática. Este é, portanto, o problema de fundo que temos que reconhecer. E com muita sabedoria, firmeza, amor e a direcção do Espírito de Deus, devemos procurar resolver. Não é de estranhar, pois, que nos acampamentos se depare com dificuldades. Ali se encontram cerca de duas centenas de jovens, provenientes de quase todas as igrejas, ensopadas em todas as ideias da sociedade alheia a Deus, manipulados pela chamada nova moralidade e quantas vezes sem o devido apoio e base espiritual no lar e até na própria igreja. Há uma concentração rápida de densidade negativa que se tem de atacar ou ela dominará e devastará. Não se trata, tanto como se vive, de dificuldades de ordem pessoal no tratamento com os jovens ou no comportamento geral. Neste aspecto pode-se até constatar um certo progresso devido ao aumento da instrução e ao tratamento responsável. O conflito existe e surge sim, quando se tem a coragem de lembrar e pautar o programa e as várias actividades pela ética cristã, ou seja as normas e os valores morais baseados na Lei Moral que não muda por ser parte integrante do Evangelho Eterno. E note-se que esse conflito surge sem haver no jovem o mínimo desejo de o criar. É que a sua mente e comportamento em geral, orientado e pressionado, sem se aperceber, pela cómoda e até agradável ética situacionista da sociedade em que vive não estão

sintonizados com a ética cristã. Mas preferiria antes que ninguém se perturbasse, mais exactamente, que não o perturbam, já que é cómodo, agrada às sensações, enfim, que não mudem a situação em que se encontra, pois é pela ética situacionista.

Com o mínimo de firmeza e amor, o Espírito Santo age, a razão começa a funcionar e a consciência a perturbar-se. Surge a crise interior, o julgamento, ou seja, a avaliação pessoal. Decisões são tomadas e mais uma vitória está ganha. Em muitos casos isto acontece e é neste sentido que se trabalha nos acampamentos.

Se há lugares para a crítica ela deve dirigir-se primeiramente a todos nós responsáveis: pastores, pais e oficiais da igreja. Quanto aos jovens precisamos de os esclarecer e guiar com amor e firmeza, pela palavra e pelo exemplo, exaltando a moral e a ética cristã, ou seja os princípios eternos que devem reger a conduta dos que são novas criaturas em Cristo e são guiados pelo Espírito Santo.

Pretendemos com esta carta aberta dirigir um apelo aos jovens para reexaminarem a sua relação com Cristo, indagando sobre as motivações, buscando saber quais os princípios e normas que estão dirigindo a sua vida. Apelamos para os pais de maneira a compreenderem e a ajudarem os seus filhos neste aspecto e fase tão importante da vida cristã, cuidando particularmente do culto em família. Desafiamos os pastores e demais dirigentes da igreja e dos jovens a se ocuparem da orientação da nossa juventude em geral e muito particularmente da consciencialização daqueles jovens que vão representar as várias igrejas locais nos próximos acampamentos, de modo a terem um comportamento dentro dos parâmetros das normas adventistas, solidamente baseadas na ética cristã — Espírito de Deus — ou seja a Lei Moral contida no Evangelho Eterno. Rejeitarem a ética situacionista, e o espírito do

mundo. Assim, com o empenhamento de todos e a bênção de Deus, nada temos a temer quanto aos próximos acampamentos, os quais poderão ser uma bênção para os jovens participantes, e por seu intermédio, para as famílias, para as igrejas e para a sociedade.

A fim de se eliminar alguns problemas cuja origem é alheia ao Parque, o Conselho da Associação na sua reunião de 10 a 11 de Dezembro de 1980 votou um aditamento ao regulamento que a seguir se transcreve:

Regulamentos do Parque M.V.

Votado estudar a melhor modalidade para que as instalações do Parque de Campismo M.V. da Costa de Lavos não sejam utilizadas pelos jovens durante o período dos Acampamentos, a não ser no período do acampamento que lhes diz respeito e em que se encontrem inscritos.» Voto n.º 294 da Reunião do Conselho de 10 a 11 de Dezembro de 1980.

Estamos certos da compreensão e espírito de colaboração de todos os adventistas e é nesse sentido que desde já tornamos público este voto para que não haja jovens não inscritos nos acampamentos dentro do Parque M.V. da Costa de Lavos durante o funcionamento dos mesmos. Será feita exceção no dia de sábado durante os serviços espirituais abertos a todo o público.

Da parte do Departamento todos os planos estão sendo feitos a fim de proporcionar programas equilibrados, recreativos e espirituais nos vários acampamentos, podendo-se já anunciar a presença do pastor John Graz da União Franco-Belga como responsável do programa espiritual no acampamento dos jovens.

DEPARTAMENTO DA JAP

DATA DOS ACAMPAMENTOS NACIONAIS PARA 1981

- a) Acampamento dos Tições 26 de Julho a 5 de Agosto
- b) Acampamento de Jovens 9 a 16 de Agosto
- c) Acampamento de Famílias Adventistas .. 16 a 23 de Agosto
- d) Acampamento de Desbravadores 24 a 30 de Agosto

PREÇO DOS ACAMPAMENTOS

- a) Tições 1.000\$00
- b) Jovens 1.250\$00
- c) Famílias Adventistas 1.250\$00
- d) Desbravadores 1.250\$00

DATAS DA ENTREGA DAS INSCRIÇÕES NO DEPARTAMENTO

- a) Tições Até 10 de Julho Sexta-Feira
- b) Jovens Até 24 de Julho Sexta-Feira
- c) Famílias Adventistas Até 31 de Julho Sexta-Feira
- d) Desbravadores Até 7 de Agosto Sexta-Feira

AS INSCRIÇÕES QUE FOREM ENTREGUES ATÉ ÀS DATAS MARCADAS TÊM UM DESCONTO DE 20%

- a) Tições 800\$00
- b) Jovens 1.000\$00
- c) Famílias Adventistas 1.000\$00
- d) Desbravadores 1.000\$00

notícias do campo

NOTÍCIAS DA MADEIRA

Após três anos e dois meses de permanência nesta bela Ilha, onde dirigimos o trabalho das Igrejas do Funchal e Caniço e do grupo de St. António, regressámos em 24 de Novembro de 1980 ao Continente a fim de tomarmos a direcção da igreja de Leiria e ao mesmo tempo prestar colaboração na redacção de várias das nossas publicações, nomeadamente a Revista Adventista.

Era minha intenção ter escrito algumas notícias para a Revista Adventista, as quais se relacionavam com o último período do nosso trabalho ali. Mas as tarefas de arrumação de bagagem e outras impediram-me de o ter feito mais cedo como seria o meu desejo. Todavia, achei que mais vale tarde do que nunca.

Lamento ter de referir alguns falecimentos que ocorreram durante esse período.

Assim no dia 14 de Maio de 1980 faleceram, com intervalo apenas de meia hora os nossos irmãos Abílio Rodrigues, no Hospital Distrital, e a irmã Isabel Camacho (esposa do irmão João Vicente), no Hospital dos Marmeleiros.

O irmão Abílio havia sido baptizado no dia 2 de Setembro do ano transacto, depois de ter hesitado algumas vezes antes. Por isso sentimo-nos confortados com o facto de ter adormecido no Senhor, já algum tempo depois da sua entrega a Deus.

A irmã Isabel já há muito que não podia vir à Igreja em virtude de ter ficado parcialmente tolhida devido a uma trombose, a qual lhe afectou igualmente a articulação da fala.

Ficaram ambos sepultados, lado a lado, no cemitério de S. Martinho, com igual meia hora de intervalo.

No dia 15 de Junho de 1980 faleceu no Lar de Pessoas Idosas do Lazareto (Instituição Católica), a nossa irmã Claudina Pestana. Em virtude de estar ausente em Newbold, Inglaterra, num curso de extensão da Andrews University, dirigiu a cerimónia fúnebre o nosso irmão Francisco de Freitas, ancião da Igreja do Funchal, no cemitério de S. Gonçalo.

A irmã Claudina há muito que estava doente, mas enquanto esteve lúcida sempre manifestou uma boa e alegre disposição.

Aqueles que a haviam conhecido de outrora referiam que esta irmã sempre manifestara um zelo missionário invulgar, nomeadamente, na Campanha das Missões, e uma fé inabalável a qual chegou a merecer a admiração de um dos médicos do Funchal, em virtude de lhe ter pedido para se ajoelhar com ela no seu consultório enquanto ela fazia uma pequena oração acer-

ca dum determinado problema que lhes era comum, creio que de alguma doença dum seu familiar que o dito médico estava a ter problemas em obter êxito. E o êxito aconteceu após a singela oração de fé desta nossa irmã.

No dia 10 de Setembro de 1980 faleceu no Hospital Distrital o nosso irmão Luís Calisto. Este irmão habitava, com a sua esposa e o seu filho, também membros da nossa igreja, no lugar de Santa, Porto Moniz.

Cerca de três anos antes já este nosso irmão se queixava de se esquecer de qualquer coisa com muita facilidade. Os últimos meses sentia muito frio, muitos vómitos, vomitava tudo quanto comia, razão porque emagreceu muito. Afinal descansou no Senhor. E este foi o último funeral, graças a Deus que não houve mais, na Madeira, tendo sido sepultado no cemitério do Monte.

Ainda referente a este irmão e sua família gostaria de referir a espontaneidade da parte dos membros da Igreja do Funchal e particularmente de alguns mestres carpinteiros que se dirigiram à Santa para lhe colocar as portas e janelas na casa que estavam a construir e cuja conclusão ainda estava por fazer. Para ajudar a construir esta casa contribuiram grande número de irmãos do Funchal e recebemos, por duas vezes, ofertas de irmãos Madeirenses que se encontram na Austrália, por intermédio do nosso jovem irmão Nataniel Pereira.

Também desejo aqui assinalar a boa vontade e espírito de ajuda do irmão Luís Isidro Gonçalves Faria e irmão Agostinho Pestana que o foram buscar à Santa e interná-lo no Hospital Distrital do Funchal.

Gostaria de aqui referir os nomes dos irmãos que lá foram colocar as portas e as janelas, mas como estava ausente em Newbold, é-me impossível saber ao certo quais os irmãos que, realmente, lá foram. De qualquer maneira apraz-me registar o acto de abnegação e altruísmo de todos os que contribuiram com ofertas em dinheiro, os que deram mão-de-obra e os que acompanharam com simpatia a doença deste nosso irmão até à morte.

Não há apenas notícias tristes a referir. Há também algumas mais alegres.

No dia 10 de Junho de 1980 consorciaram-se, numa bela cerimónia de enlace matrimonial, os nossos jovens Gilberto Camacho e Esperança Gil, os quais pouco depois seguiram para a Venezuela onde se fixaram. A jovem Esperança provém de uma família bastante numerosa na nossa igreja, nomeadamente, o irmão Pastor Sérgio Teixeira, seu tio.

Esta foi a última cerimónia de casamento que realizei no Funchal.

Apesar disso outros jovens se consorciaram, entretanto, no dia 24 de Agosto

de 1980. Foram eles o nosso jovem Ilídio Rodrigues, que tem estado emigrado em Paris, França, e a nossa jovem Lídia Rego, esta da Igreja do Caniço.

Em virtude de me encontrar ausente em férias no Continente, oficiou a cerimónia o Pastor Joaquim Morgado, Presidente da nossa Associação. A cerimónia foi realizada na Igreja do Funchal, a qual, a exemplo de todas as cerimónias de casamento sempre se apresenta embelezada com belas flores e fitas ao longo dos bancos e da tribuna, bem como a mesa onde se fazem as respectivas assinaturas.

No dia 10 de Setembro de 1980 chegou ao Funchal o irmão Frederico Lúpi Nogueira e sua esposa irmã Piedade. Estes irmãos, como o próprio irmão Frederico já referiu num dos números anteriores da nossa revista, foram iniciar o trabalho de evangelização na nossa vizinha Ilha do Porto Santo, vulgarmente conhecida como a Ilha Dourada, em virtude das belas areias douradas das suas praias.

Os irmãos do Funchal e alguns que se encontram emigrados muito contribuiram com ofertas e orações para que este plano pudesse ser iniciado, pois para isso comprámos uma casa para estes irmãos habitar, pois doutra forma teria sido impossível. Oxalá o Senhor se digne ouvir as nossas orações a fim de que estes irmãos ali realizem um trabalho cujos resultados sejam eternos. Pedimos a todos os nossos queridos leitores o favor de orarem por estes irmãos e pelo seu trabalho.

No dia 9 de Novembro de 1980 oficie à última cerimónia baptismal no Funchal. Dedicaram nesse dia ao Senhor as suas vidas, as nossas prezadas irmãs Conceição de Jesus e Maria Brazão. Que o Senhor as abençoe grandemente até ao final, que já não estará muito distante.

Quando saímos do Funchal a Igreja estava a ser pintada exteriormente. Já tinha tapa-sóis novos e certamente que também já está pintada interiormente, bem como os muros do quintal e gradeamento junto ao passeio da rua.

Desejo terminar esta resenha com um sincero muito obrigado a todos os irmãos que comigo colaboraram na obra do Senhor ali, particularmente, no trabalho da Campanha das Missões, que como todos sabem nem sempre é o trabalho que mais apreciamos fazer. Foi graças a todos esses bons jovens e bons irmãos que os alvos sempre foram alcançados.

Igualmente desejo apresentar uma palavra de agradecimento aos irmãos diáconos, ancião Francisco de Freitas, irmãos Eleutério Nunes, Noé Vital, Reginaldo Pereira e Domingos Freixo, estes cujos nomes acabo de citar, pela boa colaboração na direcção dos cultos no Funchal e Caniço durante as minhas ausências e na escala

alternada que possuímos com relação ao Caniço e Funchal. Ao bom irmão João Abreu e esposa pela pontualidade em abrirem a Igreja para todas as reuniões e o cuidado que sempre tiveram nos preparativos para as cerimónias de Santa Ceia e baptismos, como chefe de diáconos e diacinas, respectivamente.

Ao irmão Anselmo Pereira, Samuel Ferreira, Miguel Ferreira, António César, Inácio e outros que colaboraram na montagem do novo sistema de sonorização e respectiva cabina de som e bem assim noutras trabalhos de conserto e conservação.

E por último, mas não menos importante, a boa e prestimosa colaboração da irmã Maria do Carmo Brito, que como obreira bíblica e tesoureira da igreja sempre estava pronta e disposta a fazer qualquer trabalho que fosse necessário.

A todos uma vez mais e indistintamente aqui quero deixar expresso o meu sincero reconhecimento.

O Pastor Joaquim Casaquinha, que ali nos substituiu, chegou ao Funchal juntamente com a esposa e filho, no dia 20 de Novembro de 1980. Desejamos ao Pastor Casaquinha e família as melhores bênçãos de Deus para a sua vida particular e no trabalho do Senhor.

M. N. Cordeiro

NASCIMENTO

Nasceu no passado dia 1 de Abril, no lar dos nossos irmãos Álvaro de Oliveira e Adelaide de Oliveira, um belo menino a quem deram o nome de Hugo Miguel de Oliveira Saraiva.

As nossas felicitações e votos das melhores bênçãos de Deus tanto para o bebé como para os pais.

NOTÍCIAS DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Assim como gostamos de ler, na nossa revista, notícias de outros campos de trabalho, também nos dá muito prazer inserir na mesma algo acerca do que por cá se passa.

Alegramo-nos muito quando podemos dizer que os nossos irmãos estão com vontade de fazer encher os restantes lugares dos bancos da nossa Igreja, que ainda estão vazios, para isso estão devotados ao trabalho do Mestre, com muito regozijo.

Começámos agora a visitar sistematicamente todos os lares de Oliveira e arredores e podemos dizer que há boas perspectivas. Depois das visitas voltamos todos à Igreja para cada um contar a sua experiência a fim de nos estimularmos uns aos outros. Tomámos nomes da lista telefónica (lista de 1978 porque não tínhamos outra), e acontece que quando vamos contactar com a pessoa, esta já ter morrido, mas aproveitamos para falar aos que fica-

ram. Um nosso irmão chegou a certo lar e disse: «Trazemos uma mensagem do céu para si, porque o seu nome apareceu na nossa Igreja. Na vossa Igreja?» disse a pessoa muito admirada». Depois quis analisar que mensagem era essa que tinha vindo do Céu para ele. Na próxima vez, depois de confrontar o folheto que lhe deixámos, veremos se ele gostou da mensagem que lhe foi dirigida.

Tivemos também muita alegria quando pudemos entregar a Jesus três novos irmãos através do baptismo. A Igreja vibra sempre que há baptismos e isso concretizou-se no passado mês de Fevereiro. Tivemos o prazer de ter presente connosco o dedicado irmão Alberto Silva, do Porto, e sua esposa bem como visitas que o acompanharam. Este irmão inaugurou a linda pintura para o baptistério que havia sido feita já há algum tempo. Como dissemos num outro artigo a propósito disto, este irmão não levou dinheiro. Deu tudo: trabalho, tintas, tempo e viagens. Quando lhe perguntámos quanto era o seu trabalho disse: são quatro contos o trabalho mas faço oferta à Igreja; então dissemos: Que Deus lhe pague. Ele contou que Deus lhe pagou de facto, porque alguém lhe devia quatro contos que ele já não esperava receber, pois era dívida antiga. E qual não foi o seu espanto quando na semana seguinte o devedor se chegou a ele e lhe deu os quatro contos que lhe devia. Ele lembrou-se então das nossas palavras: «Que Deus lhe pague». Assim é. O que damos a Deus não é deitado em saco rôto, tal como diz S. Mateus, receberá cem vezes tanto, e por fim a Vida Eterna. Louvado seja Deus.

Adelino Nunes Diogo

ACAMPAMENTO DE FAMÍLIAS ADVENTISTAS

«Valeu a Pena»

Um dos participantes preparou um artigo sobre o acampamento das famílias adventistas de 1980. Por razões alheias à nossa vontade não pôde sair na devida altura; disso pedimos desculpa.

Acaba de nos chegar este «testemunho apelo» que nos parece opportuno e por isso solicitamos a sua publicação.

O acampamento de Famílias Adventistas na Costa de Lavos no ano transacto, requeria uma memória bem fresca, pois são decorridos uns bons meses, e por isso mesmo o objectivo aqui vai mais longe.

O referido Acampamento teve lugar de 21 a 31 de Agosto.

Foi para mim uma indivisível satisfação ver como íam chegando ora um ora outro casal, a maioria acompanhados dos seus «rebentozinhos» que vieram enriquecer o ambiente dando-lhes o cunho de uma grande família adventista. Exactamente isso: uma grande família adventista constituída por 15 casais alegres, soridentes. Embora não fossem todos conhecidos entre si, havia cumprimentos de todos para

todos. Quão gratos devemos estar ao Senhor nosso Deus por fazermos parte desta tão grande e nobre família que somos! Mas queremos torná-la muito maior.

Sem mais delongas, devo dizer que o programa foi rico em todos os aspectos: espiritual, educativo, recreativo, etc. Para além da direcção a cargo do pastor Joaquim Dias, tivemos uma preciosa colaboração dada pelos irmãos Dra. Eunice Dias, pastor Ezequiel Quintino e esposa, Dr. David Esteves, Dr. Raul Posse e esposa. Cada um destes elementos citados trouxe até nós uma mensagem especial: elevação espiritual, conselhos sobre o regime alimentar, saúde, harmonia conjugal, pedagogia, biologia, plano familiar, etc. Não faltou também o pão e o alegre convívio entre nós, não só nas horas dedicadas aos cultos e conferências como também nas reuniões sociais, desportivas, refeições, praia, nos recintos das tendas, etc.

Dissemos ao princípio que o nosso principal objectivo não era propriamente o de informar e, efectivamente não é. Mas sim de lançar um apelo aos nossos queridos irmãos, às famílias adventistas. Não se esquecem facilmente os momentos vividos durante dez dias num ambiente tão cristão, tão familiar, tão acolhedor! E os nossos filhos? perguntareis. — Não vos dé cuidado. Tivemos a colaboração de alguns jovens que foram autênticos preceptores.

O tempo parecia fugir veloz. E, como o que é bom acaba depressa, assim chegou o dia da partida! Já alguma vez repararam no semelhante de alguém que tem que partir para longe da família por um ano? É fácil imaginar. Havia despedidas com promessas de voltar. Calro; quem teria coragem de não fazer planos de voltar cada ano? A todos os meus queridos amigos, às famílias adventistas, faço o apelo e lanço o repto: Porque não trocarmos parte das nossas férias por uns dias tão maravilhosos? Eu já tomei a minha decisão. Vinde e vereis, para poderdes dizer: «Valeu a Pena»!

Vosso no Senhor

António Pericão

REVISTA SINAIS DOS TEMPOS

Acaba de sair o número 3 da Revista Missionária — SINAIS DOS TEMPOS.

Os números anteriores tiveram uma grande aceitação entre os nossos irmãos e irmãs, que os espalharam por todo o território nacional.

Com este número desejamos fazer o mesmo.

Um plano aprovado na última Convenção de Obreiros é que cada membro compre cinco revistas por 20\$00 e que as distribua depois nos lugares onde vive ou onde trabalha.

Esta contribuição de cada membro ajudará a publicação desta revista, que creio, todos desejam que continue a publicar-se.

Agradecemos a colaboração de todos neste plano.

REVISTA ADVENTISTA

REVISTA CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

A Secção Portuguesa da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa publicou o segundo número da Revista CONSCIÊNCIA E LIBERDADE.

Esta revista pode ser fornecida gratuitamente por esta Associação às Igrejas Adventistas a fim de ser colocada nas mãos de entidades oficiais, sacerdotes, pastores, professores, etc.

Assim cada um poderá pedir algumas revistas para este efeito na sua própria igreja.

J. Morgado

ESPINHO SAI DO SILENCIO

A Igreja de Espinho sai do silêncio. O silêncio não significou inacção, bem pelo contrário, o ano de 1980 foi marcado por intensa actividade.

Em 6 de Janeiro, Espinho foi palco de recepção do Encontro Regional de Desbravadores. Dia memorável para todos os que participaram. Mostraram estes jovens o seu espírito desportivo unindo pela marcha Espinho-Barrinha de Esmoriz-Espinho.

Logo desde o início do ano a Igreja lançou-se numa campanha de inscrições para o curso «A Bíblia Responde» (campanha que havia sido preparada em fins de 79) na cidade de Espinho e zonas limítrofes. Isto visava despertar interesses para a Ação 80, que veio a realizar-se de 29 de Fevereiro a 30 de Março, todos os fins de semana.

A 5 de Abril o Coral deslocou-se ao Salão dos Bombeiros Voluntários de Espinho para apresentar uma Liturgia de Páscoa.

No Dia Mundial da Saúde, 7 de Abril, que Portugal dedicou à Luta Antitábágica, a Igreja de Espinho levou a efeito no Salão Nobre da Piscina um programa de esclarecimento, no qual colaborou a Dra. Lídia Dias, tendo sido também apresentado um filme relacionado com o tema.

A JAP de Espinho foi realizar um intercâmbio com as suas congéneres a Aveiro e Oliveira de Azemeis, respectivamente em 19 de Abril e 10 de Maio, apresentando um programa musical e poético.

Mas a 25 de Maio, Dia das Mães, a confraternização deu-se entre nós, isto é, as famílias reuniram-se no Salão de Jovens, onde os filhos ofereceram aos pais um almoço seguido de um programa óbvio.

O mês de Junho foi rico em acontecimentos. O primeiro, de grande significado e consequências, teve lugar no dia 4, quando recebemos a visita do Pastor João dos Santos a fim de concretizar a realização da escritura de aquisição da propriedade onde será construída a nova igreja e que albergará igualmente a escola e residência do obreiro. Esta é, pois, uma data que fará

marco na história da Causa de Deus em Espinho.

De 5 a 8 realizou-se uma viagem de intercâmbio internacional — visita, com apresentação de programas musical e poético, às Igrejas de Vigo e Corunha. Experiência espiritual e de convívio inesquecível.

Em prol da comunidade e com o apoio das autoridades camarárias, foi levado a efeito no Salão Nobre da Piscina, entre 17 e 21, um Plano de Cinco Dias com as estimulantes colaborações dos Drs. Sacramento, Lídia Dias e J. Mário Macedo. Seguiram-se-lhes três sessões de higiene e orientação alimentar no mesmo salão.

Entretanto, e ainda no mês de Junho (20 a 24), teve lugar na Barrinha de Esmoriz o congresso Regional Norte com a participação activa da nossa Igreja.

A terminar o mês, no Sábado 28, fomos a Matosinhos com o Coral; colaborando deste modo na inauguração do baptistério local.

Uma última saída, desta vez ao Lar do Comércio do Porto, em 5 de Julho, para participar num programa musical oferecido às pessoas da terceira idade ali residentes.

Após a época estival e já em fins de Setembro, os irmãos decidiram dar o seu contributo para limpar, pintar e fazer alguns melhoramentos nas instalações da nossa Igreja, tornando-a muito mais alegre e acolhedora, com o objectivo de receber o Pastor J. Manuel de Matos que, com o seu habitual dinamismo e vigor espiritual, veio dirigir a Campanha «SINAIS DOS TEMPOS», de 17 a 26 de Outubro.

Foi a bondade do Senhor que permitiu que um elevado número de visitas e irmãos, em cada noite sempre crescente, estivesse presente nesta Campanha de Outono, enchendo por completo o nosso salão. O interesse era manifesto no rosto e nas conversações. O Evangelho da Salvação ecoou nos corações despertando-os para a realidade do mundo que nos cerca e nos confirma, a cada instante, a aproximação do dia da Vinda de Jesus.

Em sequência desta Campanha realizaram-se todos os domingos reuniões de saúde e higiene vital seguidas de conferências públicas estudando as profecias de Daniel.

O Sábado 22 de Novembro está com certeza ainda bem vivo na memória de toda a Igreja, pela experiência espiritual vivida na celebração da Santa Ceia. Recordando o Povo de Israel, este foi o nosso 'Yom Kipur'

O ano de 80 culminou com o programa de Natal apresentado em duas partes distintas, nas quais colaboraram o Departamento Infantil, os Jovens e ... até Irmãos adultos (já avós). As nossas instalações foram pequenas para conter todos os irmãos e, em especial as visitas, que ultrapassaram todas as expectativas.

É de registar ainda o trabalho assíduo e de continuidade (que se vem prolongando há mais de um ano) realizado por um bom número de irmãos e jovens mantendo o contacto com mais de 70 pessoas, em visitas semanais, através da «Bíblia Responde». Como resultado desta actividade já se efectuaram três reuniões de entrega de

Diplomas e a oferta evidente de Bíblias.

Também uma palavra de carinho para o nosso Coral que, devido a um empenhamento total dos seus membros, esteve presente em todos os programas espirituais dando uma inestimável colaboração.

Presentemente, a nossa Campanha de Evangelização continua prossegue cada Domingo com os temas de saúde e higiene vital na primeira parte e, as palestras de carácter religioso em segunda parte, analisando as alterações à sã doutrina efectuadas pela 'ponta pequena'. Visitas que concluíram a «Bíblia Responde» e assistiram à Campanha «Sinais dos Tempos» do Pastor Matos, estão a frequentar com regularidade a Igreja, seguindo com interesse as reuniões e a Classe Baptismal. A semente do Evangelho vai despontando e desenvolvendo-se. Oremos para que ela frutifique para honra e glória de Deus. A Ele acções de graça e louvor por nos utilizar, humildes instrumentos humanos, para fazer avançar a Sua Causa!

Ezequiel Quintino

VIANA DO CASTELO GRANDE SAÍDA MISSIONÁRIA

No dia 2 de Novembro de 1980, Domingo, estiveram concentradas as igrejas de Braga, Delães, Matosinhos, Porto e Vila do Conde na encantadora cidade de Viana do Castelo.

Conforme a ordem de Jesus: «Ide por todo o mundo e ensinai todas as nações». E nós, com o poder de Deus, fomos.



Ao fundo o Rio Lima. Em primeiro plano uma parte do grupo Missionário que actuou em Viana do Castelo.

A hora de iniciar o avanço, conforme o estabelecido, era às 10 horas da manhã.

Verificámos o grosso da coluna constituída, na maior parte, por jovens que avançaria em três frentes. A primeira: Distribuição de literatura como a revista Sinais dos Tempos e outros folhetos. Pelas ruas, e de porta a porta, jovens e adultos iam avançando. A segunda força era constituída por outro grupo de membros com a responsabilidade de dirigirem as mesas missionárias. Em cada um desses grupos podíamos contar um

dirigente, uma pessoa especializada em medir a tensão arterial, outro que chamava a atenção do público que ia a passar para o «Zé fumador» e pulmão artificial e todos podiam ver como a nicotina contida num só cigarro era bem visível e com esta demonstração tinha um grande efeito para aqueles que nos escutavam. Na altura de se falar na tensão arterial e se passar à medição propriamente dita, as pessoas até faziam bicha. Foi maravilhoso ver este trabalho. A terceira força avançava noutra frente e era constituída por um grande número de irmãos cujo serviço era de porta em porta e con-



Em plena via pública fazem-se inscrições para a Escola Rádio Postal.

tactando também pelas ruas, angariando inscrições para o curso da Bíblia por correspondência.

Dirigiu este trabalho o Pastor Matos que tinha como mais directos colaboradores os Irmãos Paulo Mendes e Paulo Morgado. Como directores de actividades missionárias e alguns como anciões deram também o seu parecer para que as coisas pudessem correr da melhor maneira.

Cerca da uma e meia da tarde encontramo-nos para almoçar, e passado este intervalo, logo se fez uma nova avançada desta feita, através do grupo musical



Nas arcadas da Praça da República os jovens cantaram.

que actuou no centro da cidade e também no jardim à beira-rio e no coreto.

Pelas 17:30h deu-se a partida de mais dum centena de soldados do Mestre que voltaram para os seus lugares.

Podemos estar certos de que o trabalho ali efectuado foi registado no Céu

para glória de Deus e podemos estar animados que este trabalho produzirá os seus frutos e para isso basta ver a alegria dos irmãos que já residem em Viana do Castelo e que por vezes se sentem necessitados deste tipo de actividades e contactos para robustecerem a sua fé. Eles estavam muito contentes e sente-se neles a esperança que novas almas sinceras sejam encontradas para a Verdade.

Daqui envio saudações a todos os irmãos que de bom grado contribuiram e irão contribuir nas demais igrejas do País para levar avante o Plano Missionário de apoio à abertura de novos lugares e assim, pela graça do Senhor, novas igrejas se formarão.

Maranata! Vosso Irmão em Jesus

Vergílio Faustino

MAIS UMA IGREJA ADVENTISTA NO NORTE

Quando se abre uma igreja é sempre motivo de grande regozijo para o povo do Senhor: todos vemos com grande satisfação que um novo farol brilha procurando atrair as almas das trevas para a luz bendita do Salvador.

Na vila de Ermesinde situada a dez quilómetros do Porto, temos agora uma nova igreja onde o Evangelho é proclamado conforme as ordens que recebemos de Jesus.

Em 1977 uma senhora de nome Olinda, moradora nessa localidade, foi assediada por algumas pessoas das chamadas «Testemunhas de Jeová». Embora ela escutasse durante algum tempo essas pessoas, sentia que não era ainda ali que se encontrava a verdade. Um dia, estava a referida senhora numa loja quando surgiu o irmão Fernando Ferreira que estava colportando naquela área. Iniciou-se então uma conversa durante a qual esta senhora manifestou desejo de conhecer um pouco mais sobre a Palavra de Deus. Algun tempo depois ela e o seu marido começaram a receber estudos bíblicos todas as semanas. Um novo casal foi convidado para assistir: a famí-

lia Gonçalves, seus vizinhos. Mais tarde começaram a frequentar a Igreja de Canelas, e ali se vieram a baptizar, todos eles.

Passada esta fase os nossos irmãos começaram a fazer planos para abrir uma igreja em Ermesinde. Por essa ocasião o Irmão Branco, ancião da Igreja do Porto, mudou de residência exactamente para Ermesinde. Este foi um feliz acaso que viria facilitar a formação deste grupo. A partir de dada altura passámos a ter reuniões regulares de estudos bíblicos e de oração naquela localidade em casa do Irmão Augusto Gonçalves. A ideia duma igreja foi crescendo à medida que aumentava o número de pessoas que vinham assistir às reuniões. Começámos a encorajar-nos mutuamente neste sentido de tal maneira que quando surgiu uma oportunidade de alugar uma sala todos agarrámos com ambas as mãos e com indizível alegria.

Na fase que precedeu a formação da igreja, os irmãos daquela área, assim como os irmãos da Igreja do Porto que habitam nessas proximidades, começaram a reunir-se com regularidade aos Sábados de tarde e, pela graça de Deus, foram formando um espírito de fraternidade e consagração excelentes para o arranque inicial do grupo como congregação. Na noite que precedeu a inauguração, muitos estiveram de vigília em oração e jejum. Essa noite de 14 para 15 de Novembro foi uma feliz e salutar experiência espiritual.



Alguns membros da Nova Igreja de Ermesinde



Três Jovens de Matosinhos colaborando na reunião inaugurativa de Ermesinde

Finalmente chegou a hora da inauguração. A Igreja estava linda nesse dia. Os irmãos fizeram um grande esforço financeiro e fazendo provas de bom gosto e consagração conseguiram dispor duma sala simples mas funcional e muito apresentável. Como representante da Associação encontrava-se connosco o Pastor João dos Santos. Presentes também o Pastor Paulo Jorge Morgado e o signatário. Igualmente presentes os representantes das diversas igrejas do Norte: Irmão Arménio, de Avintes; Irmão Cardoso, de Oliveira do Douro; Irmão José Fonseca, de Vila Nova de Gaia; Irmão José Amaral, da Igreja do Porto; Irmão Virgílio Faustino, de Matosinhos; Irmão Amadeu Mendes, de Vila do Conde e Irmão Gaspar Machado, de Braga, além de muitos outros irmãos.

Depois da saudação a todos os presentes, cada um dos representantes das igrejas nortenhas disseram na tribuna da alegria de que se sentiam possuídos por termos mais uma Igreja Adventista no Norte. Pudemos realçar juntamente com o Irmão Jaime Branco que a Igreja do Porto, como Igreja-Mãe no Norte, se continuava a sentir ligada por laços espirituais e fraternos com todas as igrejas adjacentes numa forma muito especial. Seguidamente, o Pastor João dos Santos tomou a palavra numa breve mas clara exposição em que mostrou a importância que advém do facto de sermos Adventistas do Sétimo Dia e por podermos proclamar a nossa fé ali em

Ermesinde e por toda a parte. Depois veio a hora da Escola Sabatina: a lição foi dirigida pelo Pastor Paulo Morgado e foi seguida com muito interesse pelo auditório. Na parte da tarde teve lugar um programa com os jovens e juvenis da Igreja do Porto. Ainda no âmbito das actividades de inauguração destacamos: Domingo 16, conferência pública sob o tema: O povo adventista e a saúde. Sábado 22, visita do grupo coral da Igreja de Leiria que nos agradou muito com as suas interpretações. Sábado 29, programa pelos jovens da Igreja de Matosinhos que, dirigidos pelo Pastor Paulo Mendes, nos deram o calor da sua presença amiga.

A Igreja de Ermesinde saúda a todos os irmãos espalhados pelo nosso País. Será um prazer para nós a vossa visita.

Possa o Senhor abençoar-nos todos com a Sua divina graça e fervor missionário.

José M. Matos

AQUI «MISSÃO MARANATA»

Necessitamos muito das vossas orações.

Aqui o trabalho, extraordinariamente duro, tem sido de poucas palavras e muita acção.

«Pela manhã semeia a tua semente e à tarde não retires a tua mão, porque tu

não sabes qual prosperará: se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas» (Ecl. 11:6).

Temos que aproveitar todas as circunstâncias para estar junto da população e servi-la de uma ou outra maneira.

Brilhemos cada vez mais, pois o amor de Cristo nos consegue, foram o alvo e o lema que levou um pequeno grupo de Tições e Desbravadores a testemunhar seu amor aos doentes no Hospital concelhio de Figueiró dos Vinhos e aos utentes do Lar de Idosos de S. José em Castanheira de Pêra. Lágrimas de gratidão viram-se nos olhos de muitos.

Foi um sábado abençoado o de 3 de Janeiro.

Além dos cânticos e poesias essas crianças deixaram em cada um uma singela lembrança por elas mesmas confeccionada.

Como tem sido possível congregar estas crianças?... Não sabemos...

Desejamos que passe mais algum tempo para vos relatar esta experiência que começou em Outubro do ano transacto. Que experiência!

Nós estamos comovidos, perplexos, sem atinarmos qual será o desfecho de todo este trabalho.

Orai por nós porque o «inimigo» ruge e procura acender os preconceitos de muitos.

Vosso em Cristo

J. Sincer

CALENDÁRIO DAS ACTIVIDADES PARA O MÊS DE MAIO

- 1 - 3 — Curso de Leigos em Lisboa.
- 1 - 3 — Encontro Nacional JAP (Figueiró dos Vinhos).
- 2 — Dia da Beneficência (Dorcas, Bom Samaritano, Socorro Adventista e Assistência Social Adventista).
- 2 — Oferta local para a Assistência Social Adventista.
- 9 — Oferta para Sinistrados e Famintos.
- 16 — Dia do Espírito de Profecia.
- 31 — Dia Nacional dos Desbravadores.

VISITAS DE DIRIGENTES DA UNIÃO E DIVISÃO

- 1 - 2 — H. Arias — Director dos Departamentos da Escola Sabatina e Publicações da União Sul-Europeia.
- 1 - 3 — R. Posse — Director dos Departamentos da Educação e Comunicações da União Sul-Europeia.
- 13 - 19 — P. Lanarés — Director do Departamento da Liberdade Religiosa da Divisão Euro-Africana.

CONVENÇÃO INTERNACIONAL

- 1 - 3 — Seminário de Liderança em Oertlimat.



Um Pedido de Auxílio

As calamidades esquecem-se depressa.

E é bom quando isso é resultado do amor cristão e da solidariedade humana que atenuam o sofrimento do próximo.

Parece ter sido este o caso em relação com os Açores.

Contudo a obra de reconstrução não está terminada.

Quando ocorreu o terramoto do primeiro de Janeiro de 1980, no meio da grande destruição provocada, também houve membros de Igreja cujas casas foram atingidas.

Para remediar essa situação logo se formaram algumas equipas que reconstruiram as casas danificadas. Para os casos irreparáveis, providenciaram-se casas pré-fabricadas.

Hoje, para concluir a nossa parte na obra de reconstrução, falta apenas reedificar a residência do obreiro local, casa que foi toda demolida. Até agora,

o Pastor e a sua família têm estado a viver literalmente em dois pedaços de corredor — dois quartos com um metro e oitenta de largo e desnivelados um do outro por uma escada de cerca de quinze degraus. São dois cubículos, numa parte da casa, insalubres no Verão e piores ainda no Inverno. Para concluir esta reconstrução, contamos com a participação do grupo Maranatha, dos Estados Unidos, que já ofereceu

a sua colaboração na construção da Igreja de Ponta Delgada em 1979. O referido Grupo já tinha planos de vir de novo aos Açores colaborar na construção da nova Igreja de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira.

Logo que se deu o terramoto, o Grupo Maranatha ofereceu-se para, simultaneamente, dar o seu contributo à reconstrução da residência. Neste momento, a sua vinda está marcada para o mês de Agosto do ano corrente.

No entanto, para se concluir todo o projecto, é indispensável a ida de alguns elementos condecorados das artes da construção dentre os nossos Irmãos em Portugal.

Necessitamos alguns **pedreiros, trolhas, carpinteiros, canalizadores, electricistas** e elementos de outras especialidades. Daí este apelo: a Associação participará na viagem dos que queiram dar algum tempo das suas férias em 1981, nos meses de **Julho e Agosto**.

Será uma excelente oportunidade de ser útil e de conhecer uma região encantadora, sem grandes despesas.

Todos os que possam participar e estejam interessados em conhecer pormenores do plano devem contactar com:



Pastor João Belo dos Santos, Tesouraria, Lisboa.
Rua Joaquim Bonifácio, 17 - 1100 Lisboa • Tel. 542169
ou da residência, 2293581